

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

JULIA ZIMMERMANN DIEGOLI

O LEGADO IMORTAL DE SENNA:
como “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão” consagrou o piloto

Mariana
2022

JULIA ZIMMERMANN DIEGOLI

O LEGADO IMORTAL DE SENNA:
como “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão” consagrou o piloto

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo.

Orientador(a): Profa. Dra. Denise
Figueiredo Barros do Prado

Mariana
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D559I Diegoli, Julia Zimmermann.

O legado imortal de Senna [manuscrito]: como "Senna: o brasileiro, o herói, o campeão" consagrou o piloto. / Julia Zimmermann Diegoli. - 2022.

74 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do PRADO.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Senna, Ayrton, 1960-1994. 2. Celebridades. 3. Documentário (Cinema). 4. Fama. 5. Jornalismo esportivo. 6. Memória coletiva na arte. 7. Multimídia (Arte). I. PRADO, Denise Figueiredo Barros do. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:796

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Julia Zimmermann Diegoli

**O Legado Imortal de Senna:
como “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão” consagrou o piloto**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em 15 de junho de 2022.

Membros da banca

Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Felipe Vieiro Kolinski Machado Mendonça - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12/05/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Denise Figueiredo Barros do Prado, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/05/2026, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1106596** e o código CRC **E624AF8F**.

A todos que atravessaram as longas noites ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Assim como Rory Gilmore, eu também sempre me equilibrei entre dois mundos. No primeiro, eu pude visitar lugares e momentos indescritíveis. Viajei em um trem melancólico ao lado de Anna Karenina, observei a *Scadoxus multiflorus* desabrochar com Eliane Brum, mergulhei no lago de Narciso ao lado do Alquimista, viajei pela eternidade numa hora com Rubem Alves e assisti Bolívar se desfazer enquanto procurava a saída do grande labirinto. Apesar disso, meu segundo mundo é infinitamente superior, construído de personagens de carne, osso, sonhos e as mais belas histórias.

Antes de tudo, agradeço ao meu primeiro grande amor: meu avô e pai, Osmar, aquele para quem dedico este trabalho e tudo o que eu faço. Lembro de você dizer o quanto esperava pelo dia em que eu fosse me formar e me parte o coração até hoje saber que você não pôde ver esse sonho se tornar realidade. Ao seu lado pude construir meu amor por velocidade, intensidade e tantas outras coisas que eu amo. Que essa pequena homenagem possa mensurar uma parte do amor e admiração que tenho por você. Tudo o que sou hoje é tudo o que você me fez ser, e por isso, vou sempre grata. Sinto sua falta todos os dias.

À minha primeira grande mestra: minha mãe. Tive o grande privilégio de aprender com você tudo que sei sobre gentileza, amor e afeto. Você foi responsável por criar dentro de mim um amor imensurável por histórias e pelas pessoas que contam elas. Ainda te vejo em toda música da Marisa que escuto. Talvez você tenha partido sem saber que a pessoa que eu mais queria ser quando crescesse era você.

À minha avó, Keia, que abriu mão de tantas coisas para que eu pudesse alçar meus próprios voos e embarcar em tantas jornadas. Obrigada por ser meu alicerce.

Ao meu irmão, Aldo, que me escolheu para ser família. Obrigada por sempre me lembrar o quanto é importante nunca deixar de me esforçar apesar dos percalços que aparecem por aqui. Ao meu irmão caçula, Otávio, por me ensinar sobre resiliência e paciência.

Acredito que família é um compilado de pessoas que escolhemos para compartilhar a vida, rompendo as barreiras genealógicas. Por isso, agradeço os laços inquebráveis que escolhi para caminhar comigo. Didi, por ser a grande entusiasta de tudo

que faço e por dividir cada capítulo dessa história comigo. Tio Rodrigo, por todo o carinho que reside na distância que existe entre nós dois e pela amizade que atravessou gerações. Tio Lalo, por todas as vezes que as nossas risadas fizeram com que o medo de tempos incertos se dissipasse. Tia Geni, por suas palavras afetuosas e os abraços calorosos. Tio André, por ser o alicerce da minha segunda família. E, por fim, tia Magali, minha referência de ética, integridade e sensibilidade. Obrigada por acreditar em mim e dividir comigo essa profissão tão necessária.

Desde sempre acreditei fielmente no poder de transformação que só a educação carrega. Essa caminhada não teria sido possível sem grandes mestres que merecem todo o meu reconhecimento. Primeiro, aos mestres que me trouxeram até a graduação: Luizão, por eternizar em mim o amor por tudo que não pude compreender; Luiz Roberto, por tornar visível todas as coisas que eu julguei impossível de enxergar; Marcelo, por me dar todas as fichas para apostar em cada um dos meus sonhos e consolidar em mim o desejo de seguir contar histórias. Aos mestres que fizeram da minha graduação uma experiência de valor inestimável: Felipe, por acreditar em mim mesmo quando eu não fui capaz e pela amizade incrível que construímos; Coração, por me lembrar a preciosidade que reside nas coisas mais simples e pelo apoio em cada etapa; Kamilla, por ser a professora-amiga que me ajudou a enfrentar obstáculos colossais e me reergueu tantas vezes; Denise, por ser uma orientadora e educadora incomparável. Você foi a peça fundamental para que esse trabalho fosse realizado, sou eternamente grata pelo privilégio de ser sua aluna e sua orientanda.

Uma conquista só é válida quando compartilhada com aqueles que amamos. Aos meus amigos, que contribuíram com esse processo da forma mais bonita possível. Giordan, obrigada por ter sido meu primeiro amigo e abraço dentro da graduação. E obrigada por todas as coisas que existem dentro de nós que só eu e você somos capazes de compreender. Alan, por cada conselho que você dividiu comigo e por me proporcionar um dos laços mais bonitos que eu já tive: Raíssa, que me lembrou o quão necessário são os momentos que tiram o nosso fôlego. Hannah, por dividir comigo muito mais do que o sol, essa conquista é tão sua quanto ela é minha. Geisson, por sempre me lembrar quem sou e por me fazer entender que segundas chances são tão boas como as primeiras. Viviane, por cada bilhete onde reforçamos os votos da nossa amizade. Taysa, por me lembrar que somos capazes de conquistar qualquer coisa se estivermos ao lado das pessoas certas. Amarildo, por todo o suporte sem nunca hesitar. Victor, por cada

madrugada repleta de vitórias e derrotas ao lado de conversas que foram eternizadas. Camila, por sempre me trazer de volta, mas também por sempre entender que de vez em quando preciso ir. Falk, por me lembrar que a presença física nem sempre é a mais importante. Bia, por todo o cuidado e proteção de sempre. Jojo, por cada carona preenchida de música e conversas que me atravessam sempre. Nayara, por me ensinar tanto sobre como “quem quer, dá um jeito”. Kah, por sempre topar ser minha dupla nos momentos bons e naqueles que não são tão bons assim. Oliver, por tanto amor não pronunciado que se faz presente em gestos que preenchem a distância. Rodolfo, por muito mais do que serei capaz de agradecer algum dia e por ser infinitamente mais do que eu poderia sonhar numa amizade.

Um agradecimento especial para quem me mostrou o verdadeiro valor da vida republicana. Fernanda, por toda a cumplicidade que reside no nosso abraço em meio às turbulências que enfrentamos tantas vezes; você é uma das partes mais bonitas da minha graduação. Gabriel, que chegou sem eu perceber e me acolheu com todo o cuidado e carinho. Obrigada por isso e por me presentear com a Sparta, onde vivo tantos momentos inesquecíveis com pessoas incomparáveis. Laís, por fazer da sua casa um lar sempre que cheguei sem avisar. Guilherme, por todo contato que representa cuidado e por cada aventura que significou tanto para mim e por me presentear com mais do que novos laços: uma nova casa. A cada pessoa da Saideira que fez da minha trajetória ufopiana uma vivência inesquecível, em especial: Gabriel, que me escolheu para fazer parte da sua vida e firmar comigo uma amizade tão bonita. E, por fim, minha gratidão eterna ao Patrick, minha referência de cuidado, responsável por iluminar o mais escuro dos caminhos e me lembrar que sempre tenho para onde retornar.

Aqueles que passaram por aqui e partiram, construindo dentro de mim a resiliência necessária para que eu pudesse vencer todos os percalços desse caminho e por me fazerem entender o que é realmente válido e valioso. Por causa de vocês mantenho sempre vivo em mim aquele poema que diz “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

E, por fim, agradeço à educação pública de qualidade proporcionada pela Universidade Federal de Ouro Preto, que fez de mim a profissional ética, íntegra e comprometida que sou hoje; e por me proporcionar a oportunidade de criar raízes em um lugar tão acolhedor que foi eternizado em mim.

“O jornalismo nunca pode se calar: essa é sua maior virtude e sua maior falha. Ele deve falar, e falar imediatamente, enquanto os ecos de admiração, as reivindicações de triunfo e os sinais de horror ainda estão no ar”.

Henry Grunwald

RESUMO

O objetivo do trabalho é compreender de que forma o documentário “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão” do diretor Asif Kapadia, contribuiu para consolidar a imagem do piloto brasileiro, Ayrton Senna, como ídolo nacional. O documentário, lançado oficialmente em 2010, reúne diversos elementos, tais como: trechos de entrevistas, corridas e vídeos caseiros disponibilizados pela própria família Senna para ressaltar os valores do automobilista. Os conceitos e estudos utilizados para entender o questionamento central deste trabalho giram em torno da compreensão do que constitui uma celebridade e como a imprensa contribui para a criação da imagem do personagem como célebre. A análise levou em conta conceitos históricos para entender a definição de fama e memória para posteriormente compreender como o documentário utiliza esses conceitos através de um mecanismo de funcionamento próprio para consagrar Ayrton Senna. Além disso, este trabalho leva em consideração o cenário socioeconômico brasileiro da década de 1980, pautado pela desesperança da nação.

Palavras-chave: Ayrton Senna; celebridades; documentário; mídia; memória; fama; jornalismo esportivo.

ABSTRACT

The aim of this work is to understand how the documentary *Senna: the Brazilian, the Hero, the Champion* by director Asif Kapadia, contributes to consolidating the image of the Brazilian driver Ayrton Senna as a national idol. The documentary, officially launched in 2010, brings together several elements, such as excerpts from interviews, races and home videos from the Senna Family, to emphasize the driver's values. The concepts and studies used to understand the central questioning of this work revolve around the understanding of what constitutes a celebrity and how the press contributes to the creation of the image of the character as a Celebrity. The analysis took into account historical concepts to understand the definition of fame and memory, and to later understand how the documentar uses these concepts through its own operating mechanism to consecrate Ayrton Senna. Furthermore, this work takes into account the Brazilian socioeconomic scenario of the 1980s, marked by the nation's hopelessness.

Keywords: Ayrton Senna; celebrities; documentary; media; memory; fame; sports journalism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Senna se torna o tricampeão mundial de Fórmula 1.....	19
FIGURA 2 – Senna preocupado na classificatória do GP de San Marino.....	21
FIGURA 3 – Senna colide na Curva Tamburello.....	22
FIGURA 4 – Início da operação de socorro para ajudar Senna após o acidente.....	23
FIGURA 5 – Lápide de Senna no Cemitério do Morumbi em São Paulo.....	24
FIGURA 6 – Cortejo oficial após a chegada do corpo de Senna no Brasil.....	24
FIGURA 7 – Cortejo oficial de Senna no Brasil.....	25
FIGURA 8 – Senna acompanhado da família durante uma entrevista.....	27
FIGURA 9 – Senna balança a bandeira do Brasil após vitória.....	38
FIGURA 10 – Primeira vitória de Senna no Brasil.....	40
FIGURA 11 – Senna chora pelo desgaste físico após o GP do Brasil de 1991.....	40
FIGURA 12 – Médicos auxiliam Senna a sair do carro após a vitória do GP do Brasil em 1991.....	41
FIGURA 13 – Primeira vitória da carreira de Senna no GP de Portugal em 1985.....	42
FIGURA 14 – Senna e seu capacete verde e amarelo, referenciando as cores do Brasil.....	43
FIGURA 15 – Senna frustrado após discussão com Jean-Marie Balestre, presidente da FIA.....	44
FIGURA 16 – Senna conquista o primeiro título mundial de Fórmula 1.....	46
FIGURA 17 – Senna conversa com seus pais, Neyde e Milton.....	57
FIGURA 18 – Senna apreensivo no momento da corrida no GP de San Marino em 1994.....	64
FIGURA 19 – Senna conversa com seu médico e amigo, Sid Watkins em Ímola.....	65
FIGURA 20 – Viviane, irmã de Ayrton, beija o capacete do piloto durante o velório..	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A CRONOLOGIA VELOZ DE SENNA	15
2.1 Ayrton Senna, o campeão.....	15
2.2 Fórmula 1	16
2.3 A fase gloriosa na McLaren e a disputa com Alain Prost	17
2.4 Briga com Schumacher e a saída da McLaren	20
2.5 1994: Williams e o último <i>Grand Prix</i>	21
2.6 Novas medidas de segurança impostas pela FIA e o julgamento dos possíveis culpados pela morte de Senna	25
2.7 Senna: o brasileiro, o herói, o campeão.....	26
3 A CELEBRIZAÇÃO DA SOCIEDADE ATRAVÉS DO TEMPO.....	28
3.1 Fama	28
3.2 Modernidade e celebridades	29
3.3 Celebridades como bens de consumo e sociedade da autopromoção.....	31
3.4 Celebridades heroicas.....	32
3.5 A ascensão de Senna	33
3.6 Jornalismo esportivo e a espetacularização do esporte	34
3.7 Senna protagonista	35
3.8 Senna: o célebre herói brasileiro	41
3.9 Uma nação enlutada	46
4 MEMÓRIA.....	50
4.1 Mídia e memória	51
4.2 Memória e Identidade.....	52
4.3 Senna imortalizado: o olhar de Kapadia.....	53

4.4	Caracterização e humanização do piloto	58
4.5	O fim da carreira e a consagração	64
4.6	Recepção	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

O automobilismo é conhecido pela velocidade. Na Fórmula 1, frações de segundos são capazes de decidir quem é o novo campeão mundial e quem está fora do *grid* permanentemente. No mundo da fama, os processos podem ser tão velozes quanto a Lotus de Senna ou a Mercedes-Benz de Hamilton. A narrativa biográfica construída através da produção audiovisual combina os momentos mais relevantes de cada *Grand Prix* de maneira seletiva, priorizando os episódios mais relevantes. E assim, traçar uma cronologia que deixa a tela e passa a habitar a imaginação social.

Os desafios de tecer uma narrativa pautada em sucesso que é finalizado em uma tragédia de proporções mundiais requerem sensibilidade e um olhar detalhista. Para a família Senna, Asif Kapadia, cineasta/documentarista, era o único profissional apto para a missão de eternizar o piloto paulista de uma forma completa. Entre entrevistas e cenas de corridas das quais participou, Senna é apresentado, no documentário “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão”, como uma figura múltipla. Ele deixa de ser apenas piloto para se tornar filho, amigo, namorado, profissional e ídolo nacional. É na junção desses papéis sociais que sua figura é composta, eternizando a ideia sólida que beira o inesquecível como celebridade.

Neste trabalho, a partir de estudos anteriores realizados que também buscaram compreender os diversos fatores que compõem o mundo das celebridades e suas nuances, tão bem quanto entender a dinâmica das celebridades e sua possível eternização, tem como objetivo analisar e compreender de que forma a produção audiovisual “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão” corrobora para apresentação do piloto como celebridade.

A partir disso, esse estudo se dedica a compreender como funciona especificamente o processo de fama e celebração do indivíduo Ayrton Senna através do documentário “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão”. Para isso, é necessário analisar e entender o funcionamento dos mecanismos de celebração e suas modificações ao longo da história. Ademais, também é necessário percorrer a cronologia da vida do piloto para que seja possível interligar os caminhos e metodologias com a produção audiovisual em si, tornando compreensível.

As metodologias utilizadas analisam o papel social do formato de documentário na construção e manutenção do imaginário coletivo e de que forma esse fator é importante para a consolidação da imagem do piloto brasileiro. Além disso, o presente trabalho busca

compreender também quais são os mecanismos de operação do documentário em questão e de que forma o diretor Asif Kapadia articula esses fatores com os conceitos de celebridade e fama analisados.

A partir disso, é preciso interligar os caminhos, conceitos e processos analisados para que seja possível compreender como a produção opera e atua na continuação do legado de Ayrton Senna, mesmo após a tragicidade que findou sua carreira em 1994.

2 A CRONOLOGIA VELOZ DE SENNA

Desde criança, o brasileiro sempre teve um grande apreço e interesse por carros. Logo nos primeiros anos de vida, o pai de Ayrton, “seu” Milton, construiu o primeiro kart do filho. Daquele momento em diante, um atleta inesquecível e incomparável dava seus primeiros passos para formar uma carreira memorável – e extremamente breve. Senna passou por quatro equipes em dez anos de Fórmula 1, cada uma deixando marcas na vida do piloto e entregando para ele dificuldades e habilidades únicas.

A Fórmula 1 é um esporte em dupla. Não basta a habilidade do piloto, o carro precisa estar à altura do competidor. Caso isso não aconteça, a frustração é iminente. Assim, Senna fez mais do que quebrar recordes no automobilismo: arrebatou rivais, fãs e inúmeras frustrações com suas equipes e seus motores.

Ainda que o perigo em pilotar uma máquina que chega aos quase 400 km/h em pistas secas, molhadas, estreitas e desafiadoras seja iminente, a tragédia que Senna protagonizou era um assunto no qual ninguém tocava. O próprio piloto trouxe o assunto a público pouquíssimas vezes. Apesar do medo constante, Senna não conseguia largar as pistas, nem mesmo quando duvidou da decisão de adentrar o *cockpit* no final de semana do feriado do trabalhador no *Grand Prix* (GP) de San Marino, em 1994. Senna, conhecido por sua certeza e determinação, duvidou de si mesmo uma vez em dez anos. Essa dúvida custou sua vida, mas garantiu um prêmio que poucos pilotos foram capazes de alcançar: a capacidade de atravessar a história da Fórmula 1 através dos anos.

2.1 Ayrton Senna, o campeão

Ayrton Senna da Silva, nascido em 21 de março de 1960 em São Paulo, capital, foi o segundo piloto brasileiro a ser tricampeão da Fórmula 1. Senna integrou quatro equipes profissionais de Fórmula 1, sendo estas a Toleman, Lotus, McLaren e a Williams. Durante sua carreira, Senna colecionou recordes e estatísticas incríveis dentro do universo automobilístico, como o terceiro lugar mundial de *pole positions* – quando o piloto larga em primeiro lugar durante uma corrida – com 65 corridas, o quinto recorde mundial de vitórias em corridas com 41 vitórias dos 162 GP’s disputados e o sétimo lugar de Hat-Tricks – quando o piloto consegue a *pole position*, melhor volta e vitória em uma mesma corrida –, contabilizando 7. Senna começou sua carreira no automobilismo correndo em competições de kart quando tinha apenas treze anos, em 1973. Seu primeiro kart foi construído pelo pai, Milton Guirado

Theodoro da Silva, quando o piloto tinha quatro anos de idade. Senna foi tricampeão brasileiro de kart, somando vitórias nos anos de 1978, 1979 e 1980. Além disso, foi bicampeão sul-americano de kart, campeão paulista e vice-campeão mundial em 1979 e 1980. Hoje, o Kartódromo de Interlagos, local onde Senna venceu sua primeira corrida oficial de kart, leva o nome de Kartódromo Municipal Ayrton Senna, em sua homenagem.

2.2 Fórmula 1

Com diversas dificuldades técnicas apresentadas pela Toleman e por intrigas com a fornecedora oficial de pneus da Fórmula 1, Pirelli, a carreira de Senna na atual Renault não foi tão impactante quanto o público esperava. Em 14 GP's, Senna marcou apenas 13 pontos, uma vez em segundo lugar e duas vezes na terceira colocação, com uma média de pontos de 0.93. Apesar disso, durante sua estadia na equipe, ele participou do evento promocional Corrida Dos Campeões de Nürburgring ao lado de grandes nomes do esporte, incluindo Niki Lauda e o futuro campeão mundial, Alain Prost. Na corrida, todos utilizaram o mesmo carro e ainda assim, Senna ficou classificado em primeiro lugar. Senna permaneceu na Toleman de 1983 até 1984.

Em 1985, Senna deixou a Toleman e passou a integrar a equipe inglesa Lotus, onde permaneceu até 1987. Seus três anos na Lotus renderam números marcantes que colocaram o piloto oficialmente no cenário competitivo do automobilismo. Foi na sua segunda equipe que Senna garantiu a primeira vitória e a primeira *pole*, em 21 de abril de 1985 no GP de Portugal. Foi seu desempenho excepcional que garantiu o título de “rei das *pole positions*” no cenário da Fórmula 1. Em sua primeira temporada com a equipe, o piloto obteve seis pódios, sendo duas vezes em cada colocação (primeira, segunda e terceira posição), além de sete *pole positions*, garantindo o quarto lugar no campeonato mundial. Em função dos números, a revista Autosprint elegeu Senna como o melhor e mais popular piloto da temporada.

Sabendo das limitações do carro fornecido pela Lotus, Senna e sua equipe adotaram como estratégia reduzir ou zerar, quando possível, a troca de pneus durante as corridas. Apesar de perigosa, a nova técnica rendeu a liderança do campeonato em 1986 após sua vitória no GP da Espanha, onde obteve mais um marco histórico: 0,0014s de diferença entre chegadas, uma das mais acirradas na história do esporte. Apesar da nova estratégia, o carro fornecido pela equipe não tinha potencial suficiente e novos problemas

mecânicos surgiram, prejudicando fortemente o piloto. Mais uma vez, Senna finalizou o campeonato em quarto lugar com 55 pontos, 17 pontos a mais do que em 1985, uma *pole position* e dois pódios, totalizando 4 posições em segundo lugar.

Em 1987, a Lotus trouxe novos patrocinadores e promessas de que a nova temporada seria melhor. Logo no início da temporada, Senna emplacou sua primeira vitória das seis que viriam no GP de Mônaco, o mais icônico da história da Fórmula 1 e, posteriormente, mais uma vitória em Detroit, tornando-se o único piloto a não trocar os pneus em nenhum momento da corrida. Senna chegou até o final da temporada muito bem colocado e no páreo para o título mundial, mas acabou sendo desclassificado no GP da Austrália sob a justificativa de que os freios do carro seriam mais largos do que os permitidos pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA). Apesar disso, o piloto brasileiro se classificou na terceira posição do campeonato, obtendo apenas dois pontos a mais que na temporada anterior e novamente, obtendo oito pódios com as mesmas classificações de 1986.

Em função da boa relação que Senna construiu com a Honda ao longo de sua carreira, o piloto optou por deixar a Lotus e começar a integrar a McLaren que firmava um novo contrato com a produtora de motores no final de 1987.

2.3 A fase gloriosa na McLaren e a disputa com Alain Prost

Em 1988, Senna passa a integrar a McLaren, acirrando ainda mais sua disputa com o futuro tricampeão Alain Prost. No seu ano de estreia na equipe, Senna levou para casa o título de campeão mundial ao lado dos seus 94 pontos na temporada, 13 *poles* e 11 pódios, sendo 8 vezes em primeiro lugar. O companheiro de equipe ficou em segundo lugar. Na última corrida disputada, a diferença entre os dois foi de 13 segundos.

Em 1989, a competição entre o brasileiro e o francês ficou cada vez mais notória. Nesse mesmo ano, Senna emplacou a segunda vitória no famoso GP de Mônaco das cinco que viriam a seguir enquanto dirigia o carro da McLaren. No final da temporada, durante o GP do Japão, Prost garantiu o tricampeonato após uma colisão entre os dois companheiros de equipe que tirou Senna da corrida temporariamente que retornou à corrida, finalizando em primeiro lugar – vitória que concederia ao piloto o bicampeonato mundial. Apesar da vitória brasileira, a FIA desclassificou o brasileiro por ter “cortado” a chicane – uma espécie de desvio artificial criado nas pistas para diminuir a velocidade

do motorista por segurança — após a colisão. Além da desclassificação, o presidente da FIA na época, Jean-Marie Balestre ordenou que a superlicença – habilitação especial para pilotos de Fórmula 1 – fosse suspensa temporariamente. Senna e Balestre travaram uma briga midiática na época e somente em 1996, quando Balestre saiu da presidência da FIA, ele admitiu que havia tomado a decisão para beneficiar Prost, ajudando o francês a conquistar mais um título.

Em 1990 com Prost pilotando para a Ferrari, a competição entre os dois seguiu normalmente. Prost, com um carro notoriamente superior ao do brasileiro, começou a temporada largando na frente. Novamente no GP do Japão, Prost largou com vantagem. Antes mesmo do início da corrida, Senna declarou que não aceitaria a vitória do francês nesse GP. Durante a corrida, Senna partiu agressivamente para cima de Prost e, novamente, as rodas se tocaram, levando ambos os carros para fora da pista. Dessa forma, Senna coloca em risco sua segurança e dos outros pilotos. Apesar disso, Senna garantiu o bicampeonato com um carro muito inferior e com uma pontuação não tão satisfatória: o piloto brasileiro obteve 78 pontos na temporada de 1990, porém, contou com 10 *poles* e 11 pódios, sendo 6 vezes em primeiro lugar. Além do bicampeonato, Senna garantiu outro feito memorável na mesma temporada, a aposta com o diretor da McLaren, Ron Dennis. Dennis não acreditava na vitória de Senna dentro da casa da Ferrari, o famoso GP de Monza, na Itália. Senna pediu como recompensa o carro do triunfo¹ e Dennis concordou. O piloto brasileiro marcou seu sétimo e último Hat-Trick: além da vitória, liderou a corrida de ponta a ponta, largou na *pole position* e obteve a volta mais rápida com 1 minuto, 26 segundos e 254 centésimos. Prost finalizou em segundo lugar com a Ferrari. Atualmente, o carro do triunfo está no acervo do Instituto Ayrton Senna. Em 1991, ainda na McLaren, Senna venceu o GP do Brasil em Interlagos, vencendo em casa pela primeira vez e tornando-se uma das corridas mais marcantes na carreira ao vencer a corrida após ter perdido quase todas as marchas. Senna só conseguiu sair do *cockpit* com auxílio da equipe. O piloto precisou de escolta policial para casa em função da grande movimentação do público.

Após a conquista do tricampeonato ainda em 1991, Senna veio a público explicar para a imprensa o que havia acontecido de fato em Suzuka, no GP do Japão em 1990. O brasileiro havia recebido informações de que a *pole* seria conquistada pelo lado direito da pista, tornando a conquista mais fácil. Contudo, após obter a posição que tanto desejava, o ex-presidente da FIA, Balestre, reverteu a decisão, prejudicando Senna.

Eu acho que o aconteceu em 1989 foi imperdoável e eu nunca irei esquecer isso. Eu me empenho em lutar até hoje. Você sabe o que aconteceu aqui: Prost e eu batemos na chicane, quando ele virou sobre mim. Apesar disso, eu voltei à pista, ganhei, e eles decidiram contra mim, o que não foi justo. E o que aconteceu depois foi “teatro”, mas eu não sei o que pensei. Se você faz isso, você será penalizado, multado e talvez perca sua licença. Essa é a forma correta de trabalhar? Não... [...] se você se ferrar cada vez que estiver fazendo o seu trabalho limpo, conforme o sistema, o que você faz? Volta para trás e diz “Obrigado”? De jeito nenhum! Você deve lutar para o que você acha que é certo. Se a pole estivesse colocada na esquerda, eu teria chegado na frente na primeira curva, sem problemas. Que foi uma péssima decisão manter a pole na direita, e isso foi influenciado pelo Balestre, isso foi. E o resultado foi que aconteceu na primeira curva. Eu posso ter contribuído, mas não foi minha responsabilidade. (SENNA, 1990)².

Ainda em 1991, Senna trouxe para casa o título de tricampeão mundial. Ao retornar para o Brasil, o piloto foi recebido com honras militares e estadistas de São Paulo. Além disso, Senna teve o voo de retorno acompanhado por caças aéreos da Força Aérea Brasileira. Quando chegou na cidade de São Paulo, recebeu a chave da cidade da então prefeita, Luiza Erundina e desfilou em um carro conversível pela cidade. O desfile ocasionou cinco acidentes de carro em função do enorme público aglomerado em automóveis.



Figura 1: Senna se torna o tricampeão mundial de Fórmula 1.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Em 1992, Senna foi visto mundialmente como um herói no cenário da Fórmula 1. Durante o treino para o GP da Bélgica, o francês Erik Comas acabou batendo o carro contra o muro e ficou desacordado. Senna parou seu carro quando passou ao lado do companheiro de esporte, saiu do seu *cockpit*³ e correu até o carro do colega – na época,

da Ligier, que viria a ser Renault posteriormente – e desligou a ignição ao ver Comas desacordado, evitando um incêndio uma vez que o carro estava vazando grande quantidade de combustível.

2.4 Briga com Schumacher e a saída da McLaren

Durante o GP da França de 92, Senna e Schumacher se envolveram em um abalroamento⁴. O alemão atingiu o carro do brasileiro pela parte traseira e forçou Senna a desistir da corrida. Segundo testemunhas presentes no local, antes da segunda largada da corrida, Senna se dirigiu até o colega e afirmou: “Você fez uma cagada do tamanho de um bonde e me jogou para fora da pista!”⁵, ao passo que Schumacher deu as costas para o colega de esporte e não respondeu.

Senna chegou até o final da temporada de 93 sem estar contratado por nenhuma equipe. Após a Honda se retirar do cenário de Fórmula 1 no final de 92, deixando a McLaren ainda mais fraca no automobilismo. Alain Prost ainda atuava como piloto da Williams e em seu contrato havia uma cláusula que proibia Senna de ser contratado pela equipe enquanto o francês estivesse na empresa. Ron Dennis, que ainda presidia a McLaren, tentou compensar a saída da Honda com os novos motores Renault, mas a produtora de motores recusou a parceria, forçando Dennis a recorrer aos modelos anteriores produzidos pela Ford. Em função disso, Senna concordou em iniciar a nova temporada na McLaren, mas só assinaria o novo contrato após o primeiro GP da temporada, o da África do Sul. Sendo assim, Senna optou por uma nova estratégia: seus contratos eram assinados por corridas e não pela temporada. Apesar da aparente “falta de equipe”, a campanha de 93 do piloto foi excepcional, rendendo a vitória intitulada de “a corrida da volta perfeita” referente à vitória do brasileiro em Donington Park. Apesar da chuva e da largada em quarto lugar, Senna passou a liderar a corrida antes mesmo da primeira curva e obteve um feito histórico: foi a primeira e única vez⁶ em que um piloto obteve a volta mais rápida passando por dentro do box.

Ao final da temporada de 93, Senna consagrou o apelido “Mister Mônaco” ao quebrar o recorde de seis vitórias no país. Além dessa, ele obteve mais quatro vitórias e levou para casa o vice-campeonato apesar da superioridade da Williams de Prost e da Benetton de Schumacher.

2.5 1994: Williams e o último *Grand Prix*

Apesar do desejo de Senna de integrar a equipe Williams-Renault, a cláusula no contrato de Prost o impedia. Contudo, a cláusula não se estendia até 1994, o que fez o francês sair da equipe britânica um ano antes do contrato expirar, migrando para a italiana Ferrari, tornando o sonho do brasileiro possível. Sendo assim, Ayrton assinou contrato com a Williams para a temporada de 94, começando a integrar a equipe que havia vencido os dois últimos campeonatos mundiais. Contudo, o carro da Williams foi declarado como “instável e desajeitado” pelo brasileiro. Apesar da inferioridade, a Benetton de Schumacher era o maior rival até então. Na quinta-feira antes do terceiro GP do ano, em San Marino, Senna foi até Luca Di Montezemolo, diretor da Ferrari na época, elogiou algumas ações da equipe italiana e afirmou que gostaria de encerrar sua carreira no automobilismo correndo pela Scuderia Ferrari.

Conhecido popularmente como um “GP trágico”, o fim de semana de 1 de maio de 1994 envolveu diversos incidentes no cenário automobilístico. Na sexta-feira, durante a primeira parte do *qualifying*⁷, Rubens Barichello perdeu o controle da sua Jordan, lançando o veículo no ar e ficando seriamente ferido. No treino de qualificação no dia 1 de abril, Roland Ratzenberger⁸ perdeu a asa dianteira do carro e colidiu violentamente contra o muro a mais de 310km/h, vindo a falecer horas depois no hospital. Apesar dos acontecimentos, Senna chegou a marca de 65 *pole positions* naquele final de semana.



Figura 2: Senna preocupado na classificatória do GP de San Marino.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Logo no início da corrida, Pedro Lamy, que largava da 22ª posição, colidiu com J. J. Lehto que teve problemas com o carro e ficou parado na quinta posição, fazendo com que partes de ambos os carros voassem e atingissem pelo menos nove pessoas que estavam assistindo a corrida. Em função do acidente, o *safety car* entrou na pista, proporcionando tempo para que os fiscais retirassem os destroços e limpassem o óleo da pista, obrigando os pilotos a diminuírem a velocidade para manterem as posições. Por causa da diminuição de velocidade, a temperatura dos pneus baixou. Antes mesmo da corrida, Senna e Gerhard Berger manifestaram preocupações em relação ao *safety car*, questionando se a velocidade dele seria suficiente para que os pilotos pudessem manter a temperatura dos pneus alta. Somente na sexta volta, o *safety car* saiu da pista e a corrida recomeçou. Senna largou rapidamente, mantendo 0,5 segundos de distância do rival, Schumacher. Na volta seguinte, o carro de Senna parou de responder aos comandos do piloto e se chocou com o muro da famosa curva Tamburello a uma velocidade aproximada de 210 km/h.



Figura 3: Senna colide na Curva Tamburello.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.



Figura 4: Início da operação de socorro para ajudar Senna após o acidente.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Imediatamente após o acidente, a bandeira vermelha foi liberada para indicar que a corrida havia sido interrompida enquanto Sid Watkins se dirigia até a Williams de Senna para atendê-lo. A emissora Radiotelevisione Italiana, a RAI, disponibilizou as imagens ao vivo mundialmente para que todos acompanhassem o acidente do brasileiro. Em transmissão global, o corpo de Senna foi retirado cuidadosamente do carro completamente destruído e direcionado para um helicóptero que levaria o piloto e a equipe até um hospital próximo a cidade de Bolonha. Aproximadamente quarenta minutos após o acidente, a corrida foi recomeçada. Após o acidente de Senna, outro incidente ocorreu em Ímola: uma das rodas traseiras de Michele Alboreto saiu do eixo, atingindo dois mecânicos da sua antiga equipe, Ferrari, e ainda, dois mecânicos da Lotus, que estavam próximos do carro. O pódio foi composto por Schumacher, Larini e Häkkinen, em primeiro, segundo e terceiro lugar respectivamente. Os pilotos e a FIA optaram por não estourar o tradicional champanhe da vitória em respeito a Ratzenberger e Senna.

Após quase três horas da vitória alemã, por volta de 18 horas e 40 minutos, horário local de Ímola, Senna foi declarado oficialmente morto. Apesar disso, a hora oficial da morte do brasileiro foi registrada às 14 horas 17 minutos, afirmando que o piloto teria morrido no instante da batida em função da perfuração da suspensão que atingiu o capacete e atingiu o crânio dele. O corpo do brasileiro só chegou ao Brasil três dias depois, no dia 4 de maio de 1994. Três dias de luto oficial foram declarados e Senna recebeu as honras de Chefe de Estado. Aproximadamente dois milhões de pessoas estiveram presentes em algum momento da cerimônia entre a chegada do corpo no Aeroporto de

Guarulhos até a Assembleia Legislativa – onde foi o velório, que durou por volta de 24 horas – até o Cemitério do Morumbi.

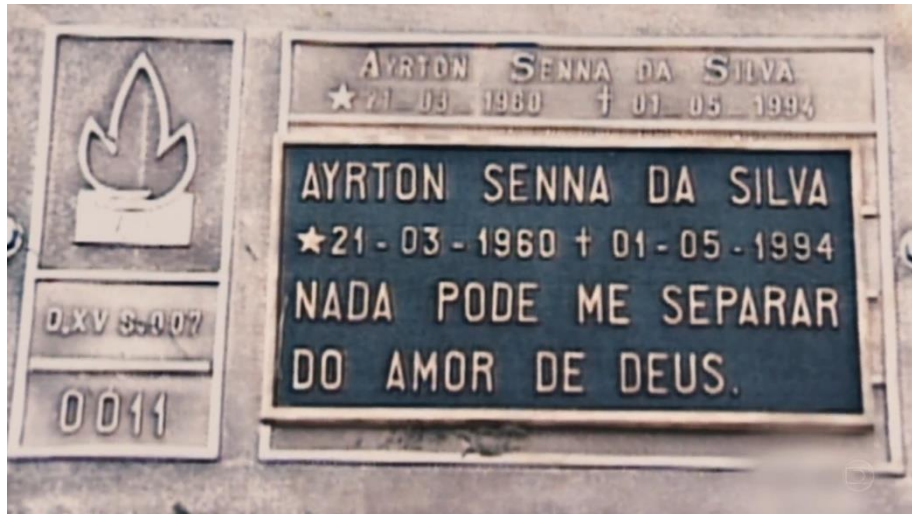


Figura 5: Lápide de Senna no Cemitério do Morumbi em São Paulo.

Fonte: Reprodução de tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

O maior rival de Senna, Alain Prost, ajudou a carregar o caixão do piloto brasileiro, além de outros companheiros do esporte. Max Moley, o presidente da FIA na época, faltou ao funeral de Senna para comparecer ao de Ratzenberger na Áustria, que ocorreu no dia 7 do mesmo mês, afirmando que julgou ser importante estar presente, uma vez que tantos outros nomes da Fórmula 1 foram até o Brasil.



Figura 6: Cortejo oficial após a chegada do corpo de Senna no Brasil.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.



Figura 7: Cortejo oficial de Senna no Brasil.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

2.6 Novas medidas de segurança impostas pela FIA e o julgamento dos possíveis culpados pela morte de Senna

Para evitar novos acidentes – antes de Senna, Piquet e Bergher se envolveram em acidentes na curva Tamburello em 1987 e 89, respectivamente – o circuito original, traçado em 1981 foi modificado. A curva famosa deixou de ser um percurso de alta velocidade para tornar-se uma chicane lenta. A partir das novas mudanças, todos os carros de Fórmula 1 precisaram ser redesenhados para se adaptar já que os designs vigentes até 1994 não eram compatíveis com as modificações. Outra novidade foi a reintegração da Associação dos Pilotos de Fórmula 1 (GPDA), cujo objetivo era permitir que os próprios pilotos pudessem discutir padrões de segurança para melhorar as condições do esporte.

As mudanças foram implementadas rapidamente no GP de Mônaco, a corrida que sucedia ao GP de San Marino. Como homenagem aos pilotos tragicamente mortos, as duas primeiras posições do *grid* foram pintadas de branco e deixadas vazias e um minuto de silêncio foi feito antes da largada.

Em 1996, a FIA implementou uma das mudanças mais significativas na história do esporte: o dispositivo HANS. A Mercedes pediu para os fabricantes originais criarem uma versão adaptada do dispositivo para a Fórmula 1. O dispositivo proporciona uma contenção para o pescoço e a cabeça dos pilotos, evitando uma possível fratura do crânio basal em casos de acidentes, como o de Ratzenberger. O uso obrigatório do HANS foi imposto em 2001 e segue vigente.

Seis pessoas foram indiciadas em relação à morte do piloto brasileiro onde promotores italianos alegam homicídio culposo. Dentre elas estavam o fundador da Williams e outros dois funcionários da equipe, o representante dos proprietários do autódromo, o diretor de circuito e o diretor da corrida que sancionou o circuito. Em dezembro de 1997, os seis foram absolvidos. Em 2005, um novo julgamento foi aberto pelo Tribunal de Apelação de Bolonha e absolveu Adrian Newey, engenheiro-projetista, mas condenou Patrick Head, cofundador da Williams, por homicídio não intencional em função da sua responsabilidade pelo defeito da barra de direção que causou o acidente. Head não cumpriu pena, pois o crime já havia sido prescrito pelas leis italianas. O cofundador apelou à Suprema Corte Italiana, pedindo sua absolvição por “ausência de negligência”. A Suprema Corte negou o pedido e encerrou o caso definitivamente, reconhecendo a culpa de Head e da prescrição justificando que “a causa do acidente foi a ruptura da barra de direção, causada pela modificação mal projetada executada, conduzindo a um comportamento culposo e omissivo de Head já que o evento era previsível e evitável”⁹.

2.7 Senna: o brasileiro, o herói, o campeão

O documentário foi lançado em 2010 com o título original sendo “Senna: No fears, no limits, no equal”, ou seja, Senna: sem medo, sem limites, sem igual, em tradução livre. A produção foi uma coparticipação entre Brasil, França, Reino Unido e Estados Unidos e foi dirigido pelo britânico Asif Kapadia e distribuído pela Universal Pictures. A produção é composta por cenas de vídeos caseiros fornecidos pela família do piloto, fragmentos de reportagens e entrevistas com Senna e outros pilotos relevantes para a narrativa e, também, trechos de corridas. Além disso, existem diversos narradores durante o documentário contando coisas pessoais e reforçando aspectos profissionais de Senna como o jornalista especializado em automobilismo, Reginaldo Leme, o ex-diretor da McLaren, Ron Dennis e o ex-piloto, John Bisignano.



Figura 8: Senna acompanhado da família durante uma entrevista.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

A filmagem traça um paralelo desde o início da carreira de Senna no kart até o acidente fatal de Ímola, mostrando corridas, disputas e outros aspectos importantes da trajetória. Logo no início, cenas de Senna correndo de kart são mostradas, além de algumas entrevistas com o futuro tricampeão e a família. Fica explícito o apoio da família em todos os momentos do documentário, os pais são atores constantes da produção, assim como a irmã, Viviane Senna. A família é apresentada sempre de uma maneira compreensiva e unida.

3 A CELEBRIZAÇÃO DA SOCIEDADE ATRAVÉS DO TEMPO

O processo de formação de figura célebre não é algo recente apesar de ser mais presente no século XXI. Ainda que a configuração de “celebridade” tenha se modificado ao longo da história, elas são reconhecidas desde a Antiguidade. Braudy (2007) acredita que Alexandre, o Grande, tenha sido a primeira pessoa famosa datada segundo sua concepção. Braudy afirma que “fama significava uma grandeza quase totalmente separada da natureza humana ordinária” (1986, p. 29). Braudy afirma que “fama significava uma grandeza quase totalmente separada da natureza humana ordinária” (1986, p. 29).

Ao longo do tempo, novas concepções e configurações de celebridades surgiram a partir das modificações socioeconômicas que a sociedade sofreu para que fosse possível compreender o processo de celebração. Desde então, Rojek (2008) propôs uma segmentação de celebridades: conferidas, adquiridas e atribuídas. No presente capítulo é produzido um paralelo que mapeia e busca compreender como a fama interage com a sociedade e como ela se perpetuou através de mudanças seculares.

A partir dessa cronologia, é possível entender inicialmente o processo que contribuiu para imortalizar Senna, um dos pilotos mais reconhecidos do universo automobilístico, consagrou-se como celebridade. O piloto brasileiro é lembrado até os dias atuais como uma das maiores personalidades e atletas da história.

3.1 Fama

A origem etimológica da palavra Fama é datada da Grécia Antiga, sendo originalmente *phêêmê*. Para os gregos, o vocábulo significava “o que era exposto ou revelado”. Além do termo cunhado pelos gregos, Fama era a divindade do panteão greco-latino designada para divulgar todas as notícias que transitavam pela sociedade. Para os romanos, Fama era chamada de Ossa, ou seja, “voz dos deuses”. Na mitologia grega, Fama passava os dias em seu palácio de bronze composto por orifícios por onde as vozes alheias entravam, vinda de qualquer lugar do mundo.

Para os gregos, Fama era capaz de fazer com o que um acontecimento pequeno parecesse grande. Ao mesmo passo, um acontecimento grande poderia ser tido como ainda maior. Segundo a crença antiga, a bondade da divindade Fama formava

celebridades enquanto sua maldade criava escândalos capazes de destruir a reputação até do mais respeitado indivíduo.

Enquanto isso, na mitologia latina, Fama é tida na maioria das vezes como um presságio ruim. Para os romanos, um indivíduo que adquiriu fama em seu meio só poderia ter alcançado esse fato através de más ações e uma conduta imoral perante a sociedade. Segundo o *Novíssimo Dicionário Latino-Português* (2019), a definição de fama é: “Sêr objecto das conversações, andar na boca de todos”, e, também: “Ofender a reputação”.

A descrição mais conhecida e detalhada da deusa Fama foi feita por Rafael Bluteau no *Vocabulário Português e Latino*, onde o autor descreve a divindade como:

Fabulosa Deidade, a que os Poetas fizeram filha de Titão e da Terra, e irmã de Encélado e do Caos. Dizem que nascera para divulgar os crimes dos Deuses que mataram os Gigantes. Pintam-na como mulher, com asas semeadas de olhos e com uma trombeta na boca. No canto 4 de sua Eneida, fazendo Virgílio a descrição da Fama, diz que em cada pena tem um olho, e que tem tantas bocas, línguas e orgulhas quantos olhos tem; e acrescenta que anda voando de noite, sem nunca descansar, que em toda parte está atenta ao que se diz, e que traz a todos mentiras misturadas com verdades. (BLUTEAU, 1789, p. 27).

Braudy (2007) acredita que a fama é um privilégio de grupos específicos, principalmente das elites políticas e religiosas para que fosse possível manter uma distinção entre esses indivíduos e os cidadãos tido como comuns. Enquanto isso, outras teorias entendem que a formação de celebridades seja uma característica mais forte na modernidade e que deve ser observada a partir da definição desse período.

3.2 Modernidade e celebridades

O indivíduo autônomo como conhecemos hoje surgiu no século XVII. As grandes transformações geradas nesse período foram necessárias para o surgimento do individualismo moderno, segundo Smart (2005, p. 37). Agora, o indivíduo é livre das determinações do rei e da igreja, fator gerado pela Reforma Protestante que impulsionou a crise do catolicismo e pelo abalamento do absolutismo europeu. Devemos ter em mente também que o Iluminismo, datado nesse mesmo período, foi crucial para a criação de um indivíduo ainda mais racionalizado. A partir dessas mudanças, o indivíduo adquiriu o direito de escolher onde depositar suas crenças já que a imposição dos reis e, conseqüentemente da Igreja, perdiam força.

Simões (2012, p. 21) afirma que é nesse contexto que o surgimento do culto às personalidades. Apesar da grande quantidade de fatores cruciais para a consolidação da modernidade, Rojek (2008, p. 15) cita três grandes alavancas desse processo: a democratização da sociedade, o declínio da religião organizada e a transformação do cotidiano em mercadoria. Ainda segundo o autor, “o desejo de ser reconhecido como especial ou único talvez seja uma característica inevitável de culturas construídas em torno da ética do individualismo” (2008, p. 107). Corroborando com Rojek, Braudy também afirma: “o desejo de reconhecimento é uma parte da natureza humana” (2007, p. 182).

Se anteriormente a fama era tida como um privilégio das elites políticas e religiosas, agora ela se torna mais acessível a partir da constante democratização da sociedade e esse processo ganha ainda mais força e velocidade conforme o capitalismo foi sendo instaurado na sociedade. Segundo Braudy: “no século XVII, a busca pela fama estava claramente se tornando democratizada. Mais e mais pessoas ocupavam a arena pública” (1986, p. 32). Se anteriormente a fama era um privilégio restrito das elites políticas e religiosas, agora ela se torna mais acessível ao restante do povo através desses fatores. Quando a celebração deixa de ser algo restrito e inalcançável para certas parcelas da população Braudy: “A história da fama é inseparável da história da autoconsciência humana” (2007, p. 183).

Dessa forma, é perceptível que, se antes a fama era advinda de uma centralização do poder político-econômico em determinados indivíduos e dos feitos realizados através desse poderio, agora ela pode ser conquistada, ou até mesmo adquirida, de outras inúmeras formas. Concomitantemente às noções de individualismo moderno citadas por Smart (2005), Rojek reitera essa perspectiva ao dizer que “o desejo de ser reconhecido como especial ou único talvez seja uma característica inevitável de culturas construídas em torno da ética do individualismo” (2008, p. 107). Dessa forma, celebridades passam a ser um bem de consumo, como evidenciado por Marshall: “a celebridade é um meio efetivo para a mercadorização do eu e de sentimentos democráticos, em que a celebridade é personificação do potencial de uma cultura acessível” (2006, p. 26).

Simões afirma que a partir desses fatores, os ídolos modernos deixam de ser apenas imagens que a população adora e se tornam “símbolos dos valores democráticos e capitalistas” (2012, p. 21). Com o avanço da tecnologia e da emergência dos meios de comunicação de massa como rádio e televisão, esse culto aos valores de

celebridades se torna cada vez mais forte dentro da sociedade e a fama deixa de ser um fenômeno passivo. Torres (2012) afirma que “a sociedade contemporânea cria famosos que ascendem à elite dos famosos por serem filhos da mídia” (2012, p. 85), o que só foi possível através do avanço tecnológico.

Outro fator decisivo para isso é a flexibilização das barreiras comunicacionais já que os sinais de rádio e televisão poderiam atravessar as fronteiras geográficas, principalmente a partir da década de 1950 com o boom da televisão. Thompson descreve esse fenômeno e afirma que

(...) ao utilizar as mídias comunicacionais podemos interagir com pessoas que não compartilham do mesmo referencial espaço-temporal que nós e a natureza da nossa interação será moldada pela diversidade das características especiais e temporais, e pela diversidades das características do meio empregado (THOMPSON, 2008, p. 18).

Segundo Braudy, “[...] a visibilidade se torna crucial para o modo como os indivíduos se situam no mundo” (1986, p. 592). Essa necessidade cria o que Thompson denomina como “sociedade da autopromoção”, já que o fim das barreiras geográficas possibilitou que o indivíduo se apresentasse “livre das amarras da copresença” (2008, p. 24).

3.3 Celebridades como bens de consumo e sociedade da autopromoção

Com o capitalismo consolidado na sociedade, as celebridades deixam de ser apenas indivíduos e se tornam produtos e até mesmo, produtores de bens de consumo através de sua imagem pública. Rojek acredita que “celebridades humanizam o processo de consumo de mercadorias”. Dessa forma, celebridades desenvolvem uma espécie de “toque de Midas”, fazendo com que produtos que elas utilizam sejam cada vez mais desejados pelo público, abrangendo diversas áreas como moda, imóveis, automóveis e outros bens de consumo. Através de aquisições popularizadas ou utilizadas por celebridades, o público sente uma aproximação entre a sua realidade e a da figura pública que está em voga na sociedade. Dessa forma, as figuras célebres deixam de habitar somente o meio no qual foram produzidas ou consagradas e começam a permear outras áreas sociais, influenciando a população em diversos aspectos.

Contudo, a fama traz consigo um lado perigoso. As barreiras entre o pessoal e o privado são rompidas constantemente ou se tornam cambiantes, como afirma Thompson (2010). Ou seja, existe uma interpenetração entre o público e o privado que nunca é cessada na vida das figuras célebres. Thompson acredita que essa interpenetração é responsável pela criação da sociedade da autopromoção, na qual esse fator foi o que

(...) uma sociedade em que se tornou possível, e até cada vez mais comum, que líderes políticos e outros indivíduos aparecessem diante de públicos distantes e desnudassem algum aspecto de si mesmo ou de sua vida pessoal (THOMPSON, 2008, p. 24).

Se o que possibilitou o surgimento da sociedade da autopromoção foi a visibilidade, Gomes afirma que ela precisa de manutenção constante já que a “imagem pública não é uma entidade fixa, definitiva, sempre igual a si mesma e assegurada para todos os seres reais.” (2004, p. 264).

3.4 Celebidades heroicas

Partindo do pressuposto que a celebridade se torna o que a sociedade enxerga dela, certas figuras públicas acabam sendo configuradas de forma que se tornem uma espécie de heróis contemporâneos. Pensando nisso, Herschmann e Pereira afirmam que

As fronteiras que separam os heróis das celebridades vêm se fragilizando e já não seria possível precisar quais os fatores que consagraram um determinado ídolo: talento, atos heroicos e/ou estratégias publicitárias bem-sucedidas. Na verdade, todas são, hoje, dimensões que se articulam no sentido de produzir heróis/celebidades em contextos de alta visibilidade (HERSCHMANN; PEREIRA, 2005, p. 13).

Apesar da colocação, certos aspectos citados são relativos, como por exemplo os atos heroicos. A visão produzida acerca de um fato que possui uma narrativa acerca de atitudes que beiram a mitologia são cambiáveis a partir do ponto de vista da sociedade em questão. A mídia brasileira investiu na carreira de Senna como nunca havia feito com Piquet. Isso fica evidente no trecho que França (2010) discorre sobre isso, afirmando que

O fato é que, mesmo tendo uma carreira repleta de conquistas, Nelson Piquet jamais teve o mesmo tratamento de herói dado a Ayrton Senna pela imprensa esportiva, nem ao menos no auge de sua carreira, com a conquista de dois títulos mundiais (1981 e 1983) no curto espaço de duas temporadas [...] (FRANÇA, 2010, p. 77).

Piquet foi responsável por abrir o caminho para que os brasileiros se aproximassem do universo automobilístico. Ainda que a mídia tenha uma parcela de culpa nessa montagem de imagens acerca dos dois pilotos, Senna fez algo que Piquet julgou desnecessário: ele sabia como utilizar seus recordes, conquistas e marcos para crescer aos olhos do público e mais do que isso, soube escolher o meio de comunicação apropriado para que isso acontecesse. França (2010) afirma que

O que é mais preciso se afirmar é que Senna, sim, soube trabalhar com seus feitos para construir sua imagem de esportista e ídolo, algo que rivais como Piquet, por exemplo, não fizeram, utilizando para isso um excelente veículo de massa que atinge praticamente 100% da extensão territorial do país, a TV Globo (FRANÇA, 2010, p. 82).

3.5 A ascensão de Senna

Ayrton Senna da Silva estreou oficialmente na Fórmula 1 em 1984, aos 24 de idade. No mesmo período, o Brasil enfrentava um cenário político-econômico conturbado. Após 20 anos desde a instauração da ditadura militar, o país finalmente começava a se encaminhar para a abertura política e a volta da democracia. O ex-presidente Geisel (1974 - 1979), afirmava que o país estava caminhando para uma transição “lenta, gradual e segura”. A década de 1980 trouxe mais do que um novo atleta para o brasileiro acompanhar. Além de Senna, o Brasil presenciou o fim do bipartidarismo político, o movimento “Diretas Já!” e a tão aguardada transição entre o encerramento de um governo autoritário e um novo modelo democrático.

Apesar da esperança vivenciada pela nação, o momento ainda era de incerteza e repleto de obstáculos. Entre 1980 e 1983, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita diminuiu 13% e a inflação chegou aos 87%, um índice sem precedentes. Segundo Ometto, Frutuoso e Silva (1995), esse período ficou conhecido como “a década perdida”. Em uma tentativa de salvar a economia e recuperar o crescimento do PIB, diversos planos econômicos foram lançados pelo governo como o Plano Cruzado, o Plano Cruzado 2 e o Plano Verão, todos sem sucesso. Foi nesse contexto turbulento e sem esperança para os

brasileiros que Senna alavancou oficialmente sua carreira na Fórmula 1. Távola discorre sobre esse movimento ao afirmar que

Todo esse processo psicossocial se projetando na sociedade concreta brasileira, na qual o povo ainda não é o verdadeiro dignitário do processo político, permite entender como passou a ser importante para os fãs do esporte viver, ainda que por momentos, o sonho da invencibilidade. Vencido em tantas batalhas do dia-a-dia, resta ao povo o sonho (a representação) da invencibilidade, pois sua condição lhe dá esse direito, já que, como povo, é invencível em sua escalada na justa busca de seus direitos (TÁVOLA, 1984, p. 293).

Senna se tornava gradualmente o novo lampejo de esperança da sociedade brasileira carente de ídolos e motivos para alegria. Ainda que o piloto viesse do “país do futebol”, o Brasil havia presenciado uma enorme decepção na Copa do Mundo de 1982, apenas dois anos antes da grande estreia do automobilista na Fórmula 1. Nos dois mundiais de futebol seguintes, em 1986 e 1990, a história se repetiu, gerando ainda mais desilusão na população brasileira.

Antes de Senna, o Brasil já havia vivenciado a sensação de ter um brasileiro vencendo no esporte mais veloz do mundo. Emerson Fittipaldi foi o primeiro brasileiro a se tornar campeão mundial de Fórmula 1, vencendo na temporada de 1972 e 1974. Depois do bicampeão, Nelson Piquet trouxe três troféus para o Brasil em 1981, 1983 e 1987. Mas o período sombrio que o país presenciava deixaram a população desacreditada (FRANÇA, 2010). Apesar do passado vitorioso do Brasil na Fórmula 1, somente Senna foi capaz de alavancar o sucesso do esporte no país, o que se deu por vários fatores que serão analisados.

3.6 Jornalismo esportivo e a espetacularização do esporte

Segundo Camargo (2005), somente em meados de 1930 com as transmissões de jogos de futebol através do rádio que o jornalismo esportivo deu os primeiros passos para se consolidar como editoria. Nas décadas de 1950 e 1960, os radialistas precisaram criar artifícios para prender a atenção do público já que agora o espectador poderia acompanhar imagens reais pela televisão. Foi através do apelo emocional que o rádio se manteve forte na disputa pela atenção dos torcedores (2005, p. 31).

A partir disso ficou evidente que era a carga emocional transmitida na narração que captava o interesse do público. Através dessa artimanha, a distância entre o torcedor e o esporte em si acabava diminuindo e ele se sentia uma partida presente da torcida, ainda que não estivesse acompanhando de perto. Carvalho afirma que: “O drama humano faz com que o telespectador participe da mesma sensação da torcida e fique fragilizado, se tornando mais suscetível às informações sobre os anunciantes” (2014, p. 32).

Diferentemente do atleta da Antiguidade, que tinha sua preparação física e atlética como um elemento na educação e da sua formação enquanto cidadão, cujos desdobramentos eram a preparação para a guerra e a proteção da polis, associando os papéis de esportista e guardião, o atleta de alto rendimento na atualidade tem sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. Seus feitos são capazes de levar multidões a estádios e ginásios, em momentos de espetáculo, ou causar dor e comoção coletiva em caso de acidente ou morte (RUBIO, 2001, p. 113).

Se agora os eventos esportivos são espetáculos, cada transmissão é um produto sendo vendido para a plateia. As emoções provocadas pelos eventos nos espectadores ou telespectadores, tornam-se objetos comerciais. Segundo Camargo: “[...] a televisão procura espetacularizar todas as suas imagens veiculadas, e age desta forma para poder vendê-las, ou seja, para ter um retorno financeiro para suas ações” (2005, p. 31). É através desse retorno financeiro massivo que o jornalismo esportivo consolida sua editoria e recebe ainda mais independência em seu meio, como explica Borelli (2002). Maluly afirma que

Disponibilizar notícias sobre esportes é uma prática comum no jornalismo brasileiro. A tradição é reconquistar o público a cada detalhe, como as novidades sobre a performance dos atletas, as armadilhas dos treinadores, o interesse dos torcedores e outras influências externas que interferem na disputa, como as suspensões por doping. A cobertura dos eventos adquire um contorno além da expectativa do público que, cada vez mais, fica atraído pelas transmissões, principalmente pelo rádio e pela televisão (MALULY, 2012, p. 17).

3.7 Senna protagonista

Senna e Piquet foram os grandes responsáveis por finalmente alavancar e consolidar o interesse do público brasileiro em Fórmula 1 entre as décadas de 1980 e 1990. Esse fato é explicando por França, onde a autora afirma que

Essa observação é facilmente explicada pelas conquistas de dois pilotos que entraram para a história do esporte a motor mundial por sua atuação nas pistas: Nelson Piquet e Ayrton Senna. Quando foi para a Lotus, em 1985, Senna começou a vencer corridas e o Brasil já possuía um bicampeão na F-1, que era justamente Piquet. Ou seja, enquanto um jovem despontava como nato campeão, o país ainda vibrava com as conquistas de outro gênio do esporte – a essa altura já consagrado. Um fenômeno ainda hoje de difícil realização para qualquer nação do planeta (FRANÇA, 2006, p. 68).

Tendo em vista a espetacularização do esporte no jornalismo brasileiro, a trajetória de Senna foi documentada e alimentada constantemente. Apesar do foco no esporte, Senna tornou-se uma figura pública e seus feitos, sua vida privada e outros aspectos pessoais foram levados para o público através da mídia. A visão do público acerca de uma personalidade é criada e pautada pela mídia que é responsável por criar ou desfazer os vínculos entre o público e a figura célebre. Esse ato é concretizado através da passagem de informações sobre a vida pública e privada da personalidade. Segundo Cataldo e Helal,

Na idolatria aos heróis contemporâneos é a mídia quem registra estas realizações ao mesmo tempo em que faz de todos nós testemunhas. Mas este registro é elaborado a partir de uma relação dialética entre mídia, o ídolo em questão e o contexto social mais amplo. Foi a partir dos feitos e realizações de Ayrton Senna que a mídia foi “construindo” sua saga ao posto de herói. Senna, como vários ídolos da modernidade, era ao mesmo tempo produto e produtor da mídia (CATALDO, HELAL; 2004, p. 2).

Apesar de o Brasil já ter visto um brasileiro subir ao pódio duas vezes quando Senna começou a pontuar – Piquet ganhou os campeonatos de 1981, 1983 e 1987 – o novato recebeu muito mais atenção da mídia. Isso se deve em grande parte ao fato de que Piquet era uma figura arredia frente à imprensa e se portava de uma maneira “ácida”. França exemplifica isso ao afirmar que: “Segundo Reginaldo Leme, o carioca [Piquet] era tido como mal-humorado do pelos colegas jornalistas (vencedor de vários “troféus-limão”, pelo temperamento azedo).” (2006, p. 73). Além disso, outro fator determinante para o tratamento que Piquet recebeu da imprensa brasileira se deve ao fato de que o piloto comemorava suas conquistas de uma maneira individualista, como é retratado por França:

Piquet era definido como um personagem de interesse relativamente pequeno para a mídia, já que celebrava suas vitórias como algo de conquista pessoal [...] Seu interesse pela F-1 era sobretudo uma forma que gostava de trabalhar e ganhar muito dinheiro, mas não era dominado pela preocupação de se tornar um ídolo (FRANÇA, 2006, p. 74).

Em contrapartida, Senna é sempre descrito como uma figura cordial, simpática e solícita perante a imprensa, apesar do desejo de manter sua vida privada. Ademais, ele falava abertamente sobre sua vida pessoal, incluindo os diversos relacionamentos amorosos que teve ao longo de sua vida, incluindo os mais notáveis com as apresentadoras Xuxa e Adriane Galisteu. Dessa forma, Senna era tida como uma figura carismática seguindo a definição apresentada por Weber de carisma: “dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos” (1982, p. 171), critério também evidenciado no trecho posterior de Weber onde o autor afirma que “o líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força de vida” (1982, p. 174). Ou seja, Senna além de uma figura receptiva e carismática, também mostrava um espírito de liderança. Simões afirma também que “o carisma emerge como uma qualidade pessoal, que supõe o reconhecimento dos submetidos, ainda que este não derive daquele: a crença no líder é encarada como um dever” (2012, p. 29).

Sabendo da importância da manutenção da sua figura pública e midiática, sua equipe desenvolveu uma série de medidas para preservar a privacidade do piloto. Um comentário recorrente dos jornalistas especializados da época como Reginaldo Leme e outros, é que existia uma grande dificuldade para chegar até o piloto. França (2006) explica que a própria equipe de Senna – empresários e assessores – criavam protocolos rigorosos para que o piloto pudesse ser entrevistado:

Além da rotina de praxe nas corridas, onde também contava com o apoio de sua equipe, a McLaren, para impedir entrevistas fora de hora ou mesmo maior exposição à sua intimidade, Senna impunha métodos rigorosos no período fora de temporada, quando há corridas [...] (FRANÇA, 2006, p. 76).

Távola descreve o torcedor como: “é quem ‘torce’ o real a seu favor, transformando o desejável em verdade, a concordância em direito; é quem supõe só haver virtude, verdade, direito e razão do próprio lado” (1984, p. 286). Dessa forma, é notável

o peso que os torcedores de Senna se colocavam fielmente ao seu lado em todos os momentos, principalmente na rivalidade constante entre o brasileiro e o francês, Alain Prost. Quando Senna se mostra solícito perante a sociedade, o povo consolida o vínculo imaginário criado com o ídolo.

Outro fator que consolidou a figura de Senna no imaginário brasileiro foi o patriotismo do piloto – que não era visto em Piquet. Diante do cenário caótico que o Brasil vivia na década de 1980, Senna demonstrava uma grande paixão pelo país. E suas conquistas não demoram para chegar. França afirma que

O título de 1988 trouxe para Senna a consagração como um dos melhores pilotos da categoria e iniciou também o processo de mitificação de sua imagem, sendo já na época o piloto mais popular da categoria, seja no Brasil ou em outros países e, claro, se tornando um dos esportistas mais bem pagos do mundo (FRANÇA, 2010, p. 65).

O amor que o piloto demonstrava sentir pela própria nação estampava suas falas e suas atitudes. Senna afirmava constantemente que era brasileiro e falava do país com muito orgulho. Além das palavras, Senna não largava o capacete estampado com as cores do Brasil e fazia questão de esvoaçar a bandeira brasileira em cada vitória alcançada. Rodrigues afirma que “Os fãs de Senna exaltavam aquelas atitudes como o comportamento ideal de um esportista, atento ao seu papel de ídolo e orgulhoso de seu país” (2004, p. 60).



Figura 9: Senna balança a bandeira do Brasil após vitória.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Esse patriotismo nítido de Senna foi utilizado pela mídia brasileira para ajudar na criação da sua imagem de herói. Uma das maiores marcas desse processo é a narração de Galvão Bueno, sempre carregada de apelo emocional. Bueno foi responsável pelo bordão “Ayrton Senna do Brasil!”. Para corroborar com isso, a Rede Globo pediu ao compositor Eduardo Souto Neto que compusesse uma música para utilizar nas vitórias de Senna durante as transmissões de Fórmula 1 exibidas pelo canal que seria utilizada em qualquer vitória brasileira. A música ficou conhecida como “Tema da Vitória”, e apesar de ter sido composta para qualquer piloto, ela era ressignificada para Senna. O “Tema da Vitória” foi ao ar pela primeira na vitória do ex-piloto brasileiro, Nelson Piquet, no GP do Brasil de 1983. Além disso, a melodia também esteve ao lado da vitória de Alain Prost em 1984. A partir de 1986, toda vitória brasileira na Fórmula 1 era embalada pela melodia e estando presente no tricampeonato de Piquet em 1987 e logo após, nos três títulos mundiais conquistados por Senna em 1988, 1990 e 1991. Até hoje o “Tema da Vitória” está ligado intrinsecamente à Senna que recebeu inclusive um CD especial intitulado “Tributo a um Campeão”, lançado pela Rede Globo em 1994 meses após a morte dele, contendo inclusive uma versão nova da música original. A melodia esteve presente em 38 das 41 vitórias de Senna.

A combinação apelativa da melodia com a voz de Bueno ao fundo gritando seu bordão famoso ficou cravada no imaginário dos brasileiros até os dias de hoje – atingindo inclusive àqueles que nasceram posteriormente à morte de Senna. Borelli acredita que

A existência de heróis esportivos atrai os torcedores para os eventos. Os ídolos transformam-se em um referencial para os fãs, já que eles conseguiram ‘sair do nada’ e vencer na vida, ultrapassando obstáculos, quebrando recordes, vencendo limites. Neste sentido, o fã admira, idolatra e deseja se espelhar no seu herói, já que há uma certa identificação entre os dois (BORELLI, 2011, p. 10).

Uma de suas vitórias mais memoráveis é justamente a conquistada no Grand Prix do Brasil no ano de 1991, em Interlagos. Senna menciona inúmeras vezes seu desejo de vencer uma corrida no próprio país e realizou o feito sete anos após sua estreia de maneira notável. França descreve a vitória do piloto, afirmando que Senna “[...] foi ovacionado por mais de 70 mil pessoas, que invadiram a pista para comemorar a vitória com seu ídolo, no autódromo de São Paulo” (2010, p. 68).



Figura 10: Primeira vitória de Senna no Brasil.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Em Interlagos, o brasileiro largou na *pole position* e liderou a corrida do início ao fim. Nas últimas voltas, Senna enfrentou um grave problema quando perdeu a terceira e a quinta marcha da sua McLaren pararam de funcionar repentinamente, deixando apenas a sexta velocidade para o piloto. O brasileiro precisou de ajuda para sair do carro após o final da corrida em função da exaustão, mesmo assim, subiu até o pódio com sua bandeira e balançou enquanto chorava para todo o público.



Figura 11: Senna chora pelo desgaste físico após o GP do Brasil de 1991.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.



Figura 12: Médicos auxiliam Senna a sair do carro após a vitória do GP do Brasil em 1991.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Senna ainda precisou de ajuda dos colegas de pódio para levantar o troféu obtido. Quando todos esses elementos são combinados, é realizada a criação do novo ídolo brasileiro, fato evidenciado por Piza

Para toda uma geração, semi órfã de ídolos esportivos naquele Brasil que pedia suas primeiras eleições diretas e depositava sua esperança democrática em Tancredo Neves, seria marcante a visão de Senna com seu capacete amarelo ao comando daquela máquina preta esguia e misteriosa, com letras douradas, bico incisivo, laterais longas e um aerofólio alto e estreito: a Lotus-Renault 87T, um dos carros mais bonitos da história. (PIZA, 2003, p. 41)

Dessa forma, Piquet criava um distanciamento entre ele e o público quando excluía sua vida profissional e pessoal dos holofotes. Em contrapartida, Senna foi aumentando cada vez mais a imagem de pessoa carismática. Além disso, Senna demonstrava seu patriotismo constantemente, adotando inclusive a tradição de levantar a bandeira do Brasil em suas vitórias. Ademais, ele falava abertamente sobre sua vida pessoal dentro das entrevistas que concedia quando era solicitado, incluindo os diversos relacionamentos amorosos que teve ao longo de sua vida, sendo os mais notáveis com a apresentadora Xuxa Meneghel e Adriane Galisteu.

3.8 Senna: o célebre herói brasileiro

Um ano após lançar sua carreira pela equipe automobilística britânica Toleman, ele conquistou sua primeira vitória no *Grand Prix* de Portugal, em 1985. A partir desse ponto, o piloto brasileiro foi se consagrando como ídolo nacional em cada corrida.



Figura 13: Primeira vitória da carreira de Senna no GP de Portugal em 1985.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Senna se torna o que Rojek intitula de “celebridade adquirida”, ou seja, o modelo de celebridade que “deriva de realizações do indivíduo observadas em competições abertas” (2008, p. 17). Dessa forma, Senna corrobora, ainda que indiretamente, para a consolidação de sua imagem célebre a partir do talento automobilístico. Helal e Cataldo discorrem sobre esse fato

Na idolatria aos heróis contemporâneos, é a mídia quem registra estas realizações ao mesmo tempo em que faz de todos nós testemunha. Mas este registro é elaborado a partir de uma relação dialética entre a mídia, o ídolo em questão e o contexto social mais amplo. Foi a partir dos feitos e realizações de Ayrton Senna que a mídia foi “construindo” sua saga ao posto de herói. Senna, como vários ídolos da modernidade, era ao mesmo tempo produto e produtor da mídia. (CATALDO, HELAL; 2004, p. 2)

O piloto brasileiro ultrapassa o limiar de celebridade e é tido como herói pela nação. Além do talento e habilidade dentro das pistas, o piloto é visto como uma figura extremamente carismática e notória pela população, de forma que os espectadores e fãs começam a constituir vínculos com sua figura pública de uma maneira intimista. Pela classificação de Morin, Senna se enquadra como um herói simpático, segundo o autor

O herói simpático, tão diferente do herói trágico ou do herói lastimável, e que desabrocha em detrimento deles, é o herói ligado identificativamente ao espectador. Ele pode ser admirado, lastimado, mas deve ser sempre amado. É amado, porque é amável e amante. (MORIN, 1997, p. 29)

Enquanto isso, Pearson descreve o herói de maneira que Senna é enquadrado em sua visão, o autor afirma que

Os heróis empreendem jornadas, enfrentam dragões e descobrem o tesouro de seus verdadeiros *selves*. Embora possam sentir-se sozinhos durante a busca, ao final a recompensa é um sentimento de comunhão consigo mesmos, com outras pessoas e com a Terra (PEARSON, 1989, p. 25)

A carreira de Senna foi marcada por recordes e feitos tidos como ousados. O número de vitórias, *pole positions* e as manobras que o piloto executava, contribuíram para que esse processo fosse intensificado. Contudo, a rivalidade com Prost foi determinante para consagrar Senna como herói, em uma visão maniqueísta. Helal acredita que os ídolos esportivos se destacam de outros em função da constante “luta” travada por meio do esporte, onde a vitória de um elemento caracteriza necessariamente a derrota do outro (1998, p. 9).

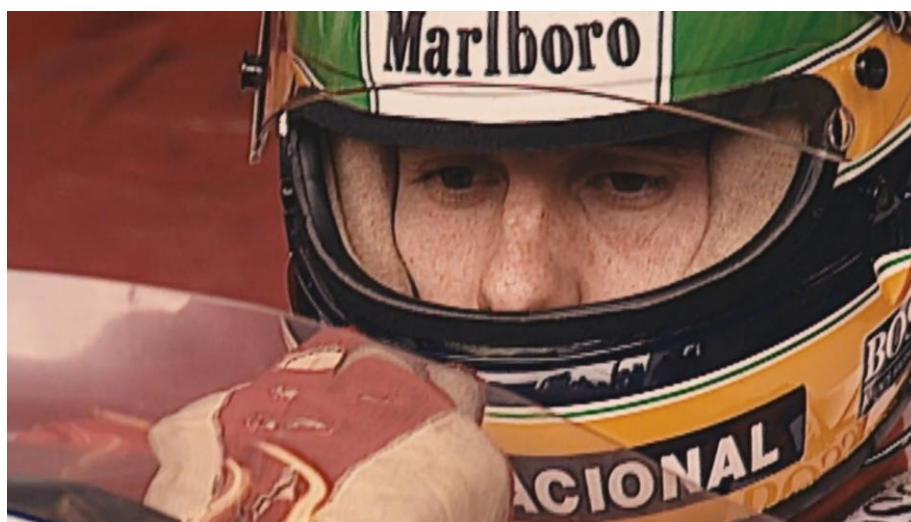


Figura 14: Senna e seu capacete verde e amarelo, referenciando as cores do Brasil.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

A luta mencionada, é a briga pelo tão cobiçado título de campeão mundial de Fórmula 1. Senna e Prost travavam discussões e intrigas durante o tempo que competiam, envolvendo inclusive o ex-presidente da Federação Internacional de Automobilismo, a FIA, Jean-Marie Balestre. Todos esses fatores faziam com que Senna fosse protagonista

de um movimento voltado para o entretenimento através da sua atuação como atleta, isso é evidenciado por Rubio quando o autor afirma que

Diferentemente do atleta da Antiguidade, que tinha sua preparação física e atlética como um elemento na educação e da sua formação enquanto cidadão, cujos desdobramentos eram a preparação para a guerra e a proteção da polis, associando os papéis de esportista e guardião, o atleta de alto rendimento na atualidade tem sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. Seus feitos são capazes de levar multidões a estádios e ginásios, em momentos de espetáculo, ou causar dor e comoção coletiva em caso de acidente ou morte. (RUBIO, 2001, p. 113)

A rivalidade atingiu o ápice em 1989, quando o brasileiro perdeu o título mundial para Prost no GP do Japão. Os dois colidiram no início da corrida, fazendo com que Senna ficasse de fora por alguns instantes e posteriormente, finalizando em primeiro lugar. Apesar da vitória brasileira que garantiria o bicampeonato para Senna, Balestre interferiu, desclassificando o brasileiro sob a justificativa que ele teria cortado a “chicane” – desvio artificial criado nas pistas para diminuir a velocidade do motorista por motivos de segurança – quando ele retornou para a corrida após a colisão.



Figura 15: Senna frustrado após discussão com Jean-Marie Balestre, presidente da FIA.
Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Além da desclassificação, Balestre suspendeu temporariamente a superlicença do brasileiro – habilitação especial necessária para a Fórmula 1. Somente em 1996, quando se retirou da presidência da FIA, dois anos após a morte de Senna, Balestre veio à público

admitir que havia tomado a decisão unicamente para privilegiar o compatriota Prost, entregando o título mundial para ele.

Apesar de ter sido prejudicado por Balestre, Senna ainda conquistou dois títulos mundiais posteriormente e se consagrou tricampeão. Durante as discussões entre ele, o rival e o ex-presidente, Senna sempre se mostrou frustrado e indignado perante o público. Essa atitude fez com que sua figura se tornasse mais humanizada, de modo que os espectadores se sentissem mais próximos do atleta ao perceber que ele, ainda que fosse um herói, era passível de injustiças e frustrações.

O conceito contemporâneo de celebridade pautado por dinheiro, fama e um padrão de vida que foge ao comum, mas ainda assim, é construído através da semelhança com os “mortais”. A celebridade não é intocável, ela possui paixões, medos, crenças, amores e outros fatores que tornam sua figura humanizada. Campbell afirma que “[...] aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos” (1990, p. 16).

Senna, ainda que fosse um atleta talentoso e reconhecido como “ousado”, falava constantemente sobre seus medos e suas crenças. A religiosidade do brasileiro era uma pauta recorrente em suas declarações e entrevistas. França afirma que foi o campeonato conquistado em 1988 que inicia o processo de construção heroica da figura do piloto brasileiro

O título de 1988 trouxe para Senna a consagração como um dos melhores pilotos da categoria e iniciou também o processo de mitificação de sua imagem, sendo já na época o piloto mais popular da categoria, seja no Brasil ou em outros países. (FRANÇA, 2010, p. 65).



Figura 16: Senna conquista o primeiro título mundial de Fórmula 1.
Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

O brasileiro teria sido responsável por devolver ao povo brasileiro a esperança e alegria cotidiana e entregou uma competição árdua para os companheiros do esporte. Além disso, o piloto passou ao homem comum a crença de que seus feitos eram atingíveis por outros, através da proximidade que travava com o público.

3.9 Uma nação enlutada

Outro elemento que segue no imaginário brasileiro é a fala de Galvão Bueno no instante em que Senna bate sua Williams na antiga Curva de Tamburello afirmando de maneira preocupada: “Senna bateu forte”. A corrida seguiu normalmente após o socorro prestado ao piloto brasileiro, mas a transmissão se encarregou de mostrar a comoção do público perante a tragédia ocorrida. França descreve a cobertura que seguiu após o acidente como “um dos momentos mais marcantes da história do jornalismo brasileiro, a conferir por suas dimensões, repercussão na sociedade, números e mesmo opinião de estudiosos e editores” (2010, p. 109). A morte de Senna enquanto ele estava praticando o esporte que o consagrou como ídolo no automobilismo traz uma carga significativa ainda maior, segundo Carvalho

No caso de uma morte durante a atividade pelo qual ficou conhecido, o herói passa a ser ainda mais considerado e fica imortalizado como mito, porque foi, até o fim, aquilo que a sociedade o consagrou para ser. (CARVALHO, 2014, p. 41)

Rondelli e Herschmann (2000) afirmam que no caso de falecimento de figuras célebres, muitas vezes é gerado uma suspensão da linha temporal que o público presencia, uma vez que o acontecimento é capaz de causar a sensação de “suspensão do tempo” (2000, p. 206). Além disso, em casos específicos como a morte da Princesa Diana, medidas como a suspensão da programação normal de emissoras de televisão e rádio e a criação de cadernos especiais para cobrir o acontecimento, os veículos midiáticos não só “[...] suspendem o tempo’, como fazem voltar o tempo, produzindo um enquadramento da memória, do passado”(RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 207). Ainda segundo os autores, a mídia opera em diversos aspectos pensados para criar uma dramatização da narrativa fúnebre

O enunciado da mídia busca atingir emocionalmente o público. São *closes* e *big-closes* de caixões, velórios, velas a arder, enterros, missas fúnebres, cenas, choros e depoimentos de parentes, amigos e/ou fãs transtornados. O tom de tragédia, a (re)dramatização do acontecimento, tudo em geral é construído nos mínimos detalhes no sentido de mobilizar o telespectador, o leitor e monopolizar a audiência. Para se fixar o acontecimento na memória, a adesão maciça do público ao acontecimento é fundamental. A cobertura deste acontecimento parece produzir mais impacto e comoção social, à medida que público, especialmente o das camadas populares, não só se identifica com o “personagem” célebre (e isso ocorre quase sempre quando essa trajetória de vida está sintonizada com os códigos e valores hegemônicos), mas também quando se produz a clara sensação de que “projetos de vida”, ações, foram prematuramente interrompidas. Nesses casos, a dimensão trágica parece especialmente exacerbar-se. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 207).

A imprensa brasileira se encarregou de transmitir e destrinchar cada uma das informações acerca do acidente e da vida do piloto. Essas transmissões chegaram até o público carregadas de emoção, Camargo afirma que

O drama humano precisa estar presente para que o público possa solidarizar-se ou apreciar aquelas cenas. Estas situações de sensacionalismo e emoção, através da imagem, também podem ocorrer nos esportes. O exemplo mais marcante aconteceu com a morte do piloto Ayrton Senna, quando a mídia pautou as cenas do acidente e inseriu músicas e poemas na programação da televisão brasileira. (CAMARGO, 2005, p. 39)

O cortejo de Senna foi acompanhado de perto pelos veículos midiáticos e pela população, com precedentes apenas presenciados em mortes presidenciais. Rodrigues descreve o cortejo com detalhes

Em terra, foi um cortejo de 31 quilômetros, duas horas e meia de duração, filas de carros com até seis quilômetros de extensão e centenas de milhares de pessoas num espetáculo espontâneo de palmas, gritos, lágrimas, cantos, acenos, gestos e mensagens que os brasileiros, acostumados a despedidas públicas dolorosas, jamais tinham visto (RODRIGUES, 2004, p. 571).

A revista *Caras*, por exemplo, atingiu o maior recorde de vendas que nunca mais foi superado, marcando um milhão de exemplares vendidos da edição especial acerca do acidente. O jornal carioca “O Globo” noticiou a morte do piloto somente no dia 02/05/1994, um dia após a morte do mesmo. A manchete que estampava a primeira página era “Brasil perde Senna”, acompanhada do subtítulo “Batida a 200 km/h mata o maior ídolo do país”. Já na televisão, o programa *Fantástico*, da Rede Globo, atingiu um dos maiores índices de audiência na história com a cobertura dedicada intensamente ao piloto, onde foram transmitidas imagens do acidente e do público reagindo à ele e à notícia da morte de Senna.

A morte de Ayrton Senna embargou a voz de 140 milhões de brasileiros, mas a imagem do acidente não vai ser a única lembrança de uma carreira de 10 anos de glórias na Fórmula 1. A imagem que fica é a de um supercampeão. Um herói nacional. O nosso Ayrton Senna! (*Fantástico* da TV Globo, exibido em 01/05/1994).

O âncora do *Jornal Nacional*, William Bonner, ficou responsável pela narração do cortejo que era constantemente interrompida pela tentativa do jornalista de engolir o choro durante a transmissão. Helal e Cataldo descrevem a cobertura jornalística da morte do piloto como sendo

De uma forma geral, podemos dizer que a cobertura jornalística da imprensa sobre a morte de Ayrton Senna, tal qual os jogos fúnebres que se realizavam na Grécia Antiga após a morte de bravos guerreiros, cumpriu a função de colocar o herói na fronteira entre o espaço humano e o divino (HELAL; CATALDO, 2008, p. 5).

Ou seja, é na morte de Senna que a consolidação da sua figura heroica é realizada. Até aqui, sua trajetória foi repleta de obstáculos, vilões e superações. A partir de agora, Senna é tido como um herói, aquele que viveu e morreu servindo ao seu povo, sendo fiel aos seus objetivos, sua nação e origens. É na fatalidade espetacularizada pela mídia que Senna completa a jornada do herói no esporte, reservando um lugar quase fixo no imaginário dos brasileiros e fãs de automobilismo.

4 MEMÓRIA

Apesar do papel que a fama desempenha na criação de celebridades, ela não se sustenta sozinha. Com as diversas mudanças que a sociedade enfrenta em um espaço temporal consideravelmente curto e com a constante aceleração do tempo – ou pelo menos, a constante sensação de aceleração ocasionada pela tecnologia e infinidade de notícias que trafegam ao redor do globo – de que forma um nome atravessa as barreiras temporais?

E, sendo assim, como os indivíduos que tiveram sua existência findada perpetuam sua presença no mundo? Senna, através de seu legado, se consagrou nos moldes célebres postulados ao longo da história. Um dos campos em que a fama de Senna opera é o próprio espaço histórico, pois dessa forma a sociedade é capaz de compreender os erros cometidos para que não sejam repetidos e de melhorar e evoluir ações eficazes em qualquer contexto.

Segundo o dramaturgo espanhol Miguel de Cervantes: “A história é uma émula do tempo, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro”. O legado de Senna incentivou os companheiros de esporte a superarem seus limites ao mesmo tempo que escancarou a emergência de medidas de segurança eficazes dentro do automobilismo.

Entre os doze titãs gerados da união entre Gaia e Urano, existe Mnemosyne. A nona filha nascida do incesto cometido entre os deuses representava a memória. Além disso, nunca houve um consenso sobre a genealogia de Fama, mas segundo Virgílio, ela também era filha de Gaia. Enquanto Fama era responsável por administrar as notícias e rumores que corriam soltos pelo mundo, sua provável irmã tinha uma função muito diferente. Mnemosyne era mãe das Musas, esposas de Zeus. As Musas eram responsáveis por proteger as Artes e a História. Ao mesmo tempo, Mnemosyne, a deusa Memória, possuía um poder incomparável que é descrito por Chauí:

A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais. (CHAUÍ, 1999, p. 159).

Cícero acreditava que “A História é mestra da vida”. E assim, Mnemosyne se consagrou como mestra, sendo uma das mais poderosas da mitologia grega a partir da habilidade de conceder imortalidade para aqueles que julgava necessário. Isso ocorre em função da memória, uma vez que os gregos acreditavam que quando um indivíduo se tornava memorável, ele era imortalizado através do legado deixado para os vivos. Ainda segundo Chauí, “a memória é, pois, inseparável do sentimento do tempo ou da percepção/experiência do tempo como algo que escoa ou passa” (1999, p. 159).

Além disso, Mnemosyne foi indiretamente responsável por criar a eloquência, ou seja, a retórica. A retórica, gramática e a lógica formavam o *Trivium*, da educação grega que eram responsáveis por desenvolver a expressão da linguagem. Ainda que a criação e o conceito tenham nascidos na Grécia, os romanos utilizavam essa arte constantemente para persuadir e convencer os ouvintes através da linguagem e da oratória. Eles alegavam que um bom orador era munido de uma memória impecável e podia confiar em sua mente sem receio algum. Apesar disso, Chauí acredita que existe uma dualidade na maneira em que a sociedade cultiva a relação com a memória, para ela

A memória é valorizada e desvalorizada. Valorizada com a multiplicação dos meios de registro e gravação dos fatos, acontecimentos e pessoas (computadores, filmes, vídeos, fitas cassetes, livros) e das instituições que os preservam (bibliotecas, museus, arquivos). É desvalorizada porque não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento – podemos usar máquinas no lugar de nossa própria memória – e porque a publicidade e a propaganda nos fazem preferir “o novo”, o “moderno”, a “última moda”, pois há sempre o “novo” (CHAUÍ, 1999, p. 161).

Dessa forma, se faz necessário meios e caminhos para que a memória – individual e coletiva – seja perpetuada dentro da sociedade. É no encontro dessa necessidade que a mídia se faz presente, oferecendo um modelo de reprodução no qual as memórias atravessam o tempo.

4.1 Mídia e memória

Com o passar dos anos e o avanço contínuo da tecnologia, a sociedade presenciou diversos fenômenos, tais como a globalização. A partir desse processo, a percepção do indivíduo acerca do tempo também é modificada uma vez que parte do controle dessa percepção é das mídias. Tomain (2016) afirma que as mídias “[...] não

comprimem só o tempo – são capazes de contar trinta anos de história em um minuto e meio – como também se apoderam do acontecimento dentro de uma lógica que prioriza o instante, o *agora*” (2016, p. 3). Dessa forma, a mídia se apodera de uma espécie de poder ao transformar em história aquilo que relata. Hartog (2014) afirma que “[...] todo conhecimento inclui sua auto comemoração” (2014, p. 184), e é a partir dessa concepção que a mídia se apodera de um poder único: o de transformar o acontecimento relatado em história rapidamente.

Nesse contexto, o jornalista se torna um contador e construtor de histórias. Quando um jornalista relata um fato essa informação passa por diversos recortes antes de chegar até o público. A própria decisão do que será noticiado ou não já é um recorte em si. Pereira Jr afirma que “[...] quando jornalistas falam em realidade, fatos ou acontecimentos, estão na prática falando de ‘construção’ de representação simbólica” (2006, p. 33). Ou seja, a informação que chega até o leitor ou telespectador, foi construída a partir da perspectiva social daquele jornalista propriamente dito. Dessa forma, ele também se torna um contador de histórias. Através da tecnologia de armazenamento de arquivos, matérias, reportagens e outros elementos, a comunicação colaborou para a criação e manutenção da memória coletiva e social (PALACIOS, 2010).

4.2 Memória e Identidade

Através do armazenamento e conservação de materiais, a História de um povo, uma nação ou um grupo específico fica documentada de diversas formas. Sendo assim, Gauthier (2011) afirma que o documentário é “[...] um mergulho no passado por intermédio das testemunhas ou da pesquisa dos indícios” (2011, p. 213). Através do “documentário de memória”, citado por Gauthier (2011), é que nasce o resgate de memórias apagadas ou marginalizadas. Concomitantemente a isso, Benjamin (1987), afirma que a narrativa nos moldes tradicionais “[...] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (1987, p. 205) e, dessa forma, criam-se os narradores de suas histórias. Sendo assim, o documentário é responsável por também conservar e imortalizar imagens, sons e narrativas através de sua produção, uma vez que esses elementos são capazes de transcender barreiras temporais quando combinados em uma produção documental. Tomain (2016) afirma que

Por mais sofrimento que possa uma recordação provocar, o documentário é exemplo de como a arte, diante de uma vocação política para a memória, assume para si a dimensão ética do presente; em que o exercício de rememorar para uma câmera reveste-se de um sentido de resistência que carrega em si o potencial da experiência da crítica e da revelação (TOMAIN, 2016, p. 7).

Da mesma forma, Rochlitz (2003, p. 339) afirma, “Trata-se de salvar uma imagem do passado que espera legitimamente ser libertada porque tem uma dívida para com ela”(apud TOMAIN, 2016, p. 7). Ou seja, o documentarista utiliza essa imagem histórica e traz ela para o tempo presente, de maneira que ela atue como elemento complementar. Segundo Comolli, o documentário é divergente da ficção em si uma vez que ele não é totalmente passível de seguir um roteiro pré-programado, uma vez que se torna incontável, utilizando seu meio inventivo e imaginário para potencializar o ponto de vista registrado. Ainda segundo o autor “A parte documental do cinema implica que o registro de um gesto, de uma palavra ou de um olhar, necessariamente se refira à realidade de sua manifestação, quer esta seja ou não provocada pelo filme, mesmo ele sendo um filtro que muda a forma das coisas” (COMOLLI, 2008, p. 170).

4.3 Senna imortalizado: o olhar de Kapadia

No caso do piloto, o “documentário de memória” segundo os termos de Gauthier, opera através de uma “memória cultural”, ou seja, um elemento artificial, construído através de testemunhas e falas da celebridade. Isso ocorre em função da ausência do próprio protagonista, Ayrton Senna. Dessa forma, se exclui a “memória experiencial”, a memória vivida e rememorada por Senna e dá lugar aos testemunhos, arquivos e outros elementos narrativos. Pensando nessa lógica, a própria produção audiovisual corre um risco evidenciado por Assmann, sendo “risco da deformação, da redução e da instrumentalização” (2011, p. 19). Tomain (2016) alerta para consequências do perigo citado por Assmann, sendo estas: “Pensar o ‘documentário de memória’ é também reconhecer que este tipo de cinema serve [...] a determinados projetos políticos, colocando lembranças das narrativas testemunhais e serviço da construção de um passado histórico.” (2016, p. 7).

Agrupando esses pontos de vista é possível lançar um olhar crítico mais aprofundado para o documentário “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão”, dirigido por Asif Kapadia em 2010. Segundo Nichols, “[...] os documentários representam um mundo

histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente.” (NICHOLS, 2005, p. 73), é a partir desse tópico que Kapadia opera: criando um registro histórico único da sua perspectiva acerca da trajetória de Senna. Comolli afirma que o documentário parte de uma “realidade provocada”, ou seja, a realidade criada unicamente pela interferência do diretor na obra cinematográfica, no caso de Kapadia, isso é gerado pela encenação criada pelos registros audiovisuais previamente obtidos e pela disposição dos mesmos apresentada por ele.

Mombelli e Tomaim transitam através de Comolli (apud Comolli, 2008, p. 174) para explicar que o documentário se aproxima de uma verdade através da recriação dos fatos, apresentando acontecimentos e episódios a partir do ponto de vista daquele que produz a obra cinematográfica em si (MOMBELLI; TOMAIM, 2014, p. 6). Existem estruturas nítidas na produção audiovisual de maneira que o piloto passa por uma metamorfose constante desde os primeiros minutos. No início, ele era apenas um piloto iniciante que perseguia um sonho que não é incomum: ser piloto e campeão de Fórmula 1. Conforme o documentário avança, ele deixa de ser apenas uma figura munida de inocência e sonhos e se torna um competidor ávido, ousado e até mesmo, rebelde.

Uma das estruturas documentais utilizadas constantemente por Kapadia é o próprio modelo narrativo que segue um ciclo contínuo. Em um primeiro momento são exibidas entrevistas com Senna ou cenas do arquivo pessoal da família, onde ele fala sobre sua vontade de competir e seu amor pelo automobilismo. As falas de Senna são sempre carregadas de emoção. Além disso, também existe outra metodologia: às vezes são exibidos trechos de entrevistas dos pais de Senna, onde eles elogiam o filho além do âmbito profissional, ressaltando como ele é um bom filho e uma boa pessoa. O documentário se inicia com a mudança de Senna para a Europa em 1978 e, logo depois, entra um trecho do pai do piloto, brincando com o fato de que a vontade que o filho tinha de andar de kart quando criança se transformou no amor pelo esporte.

O segundo passo do molde de Kapadia é a entrada do narrador enquanto são exibidas imagens do piloto se preparando para entrar nas pistas. No primeiro momento, esse narrador é Reginaldo Leme, um dos comentaristas de automobilismo mais renomados do Brasil. Leme, ao reassistir as cenas e falar sobre o piloto, afirma que mesmo com pouca experiência dentro das pistas e competindo com um carro tido como fraco, Senna era um gênio. Em sua sexta corrida na temporada de estreia em 1984, o brasileiro poderia levar para casa a vitória em Mônaco. A cena conta com a narração presente de 2010 do

comentarista e também com a reprodução de uma entrevista feita com Senna no próprio GP, em Mônaco, o mais tradicional e renomado da Fórmula 1. Logo após, a voz de Galvão Bueno entra em cena, vibrando com o progresso do brasileiro ao ultrapassar Niki Lauda na passagem mais perigosa do circuito de Mônaco, afirmando que Senna havia ultrapassado o “piloto mais perigoso” do *grid*. Com um *performance* invejável, Senna acredita que havia ganhado de fato a corrida quando ultrapassou Prost após a bandeirada vermelha. O companheiro de esporte – e rival do brasileiro – pediu para que a corrida fosse parada ainda que não houvesse motivos para que isso ocorresse. Quando Prost desacelera e para diante da bandeira vermelha, Senna pisa fundo e segue a corrida, finalizando-a em primeiro lugar. Apesar disso, segundo as regras da FIA, sua colocação não era válida.

Antes da largada, começa uma chuva torrencial. Comissários de pista postados na reta que separa a Chicane e a curva Tabac já estão com água pelos calcanhares. É dada a largada, e logo na primeira curva, três carros batem. Senna escapa da confusão e completa a primeira volta em nono lugar. Sem temores, vai ultrapassando pilotos consagrados: René Arnoux, Elio de Angelis, Michelli Alboreto, Keke Rosberg. Nigel Mansell, que liderava, perde o controle ao passar sobre uma faixa pintada no asfalto e bate. Senna está em terceiro lugar e se aproxima rapidamente de Niki Lauda, o segundo colocado. Alain Prost, o líder, tem enorme vantagem. Já alvo de todas as atenções, Senna ultrapassa Lauda e começa a se aproximar de Prost. A chuva fica mais forte. Prost diminui o ritmo. Acidentes sem gravidade vão acontecendo. Ao completar a 31ª volta, Senna está sete segundos atrás de Prost, e vinha tirando a cada volta uma diferença superior a cinco segundos. Fica claro que a ultrapassagem é iminente, mas na 32ª passagem, a corrida é interrompida. Prost paraseu McLaren junto a um comissário que mostra a bandeira vermelha de interrupção. Senna, porém, continua acelerando forte e, metros adiante, cruza a linha de chegada em primeiro lugar, inclusive recebendo a bandeirada. O brasileiro imagina ter vencido a prova, mas o regulamento era claro: em caso de interrupção com bandeira vermelha, vale a classificação da volta anterior. Senna é confirmado em segundo lugar, atrás de Prost (PANDINI, 2004).

Após isso, o documentário inicia seu novo passo: a narração internacional e a exibição de imagens oficiais disponibilizadas pela FIA, a Federação Internacional de Automobilismo. Logo no início temos a voz de James Hunt, ex-piloto de Fórmula 1, narrando os feitos de Senna. Na sequência, é mostrada outra entrevista de Senna, na qual o piloto afirma que “Fórmula 1 é política, é muito dinheiro, quando você está chegando lá, você tem que passar por isso” e logo após o narrador afirma que foi um momento trágico para o brasileiro, uma vez que ele não conquista o título mundial ainda que tenha vencido o *Grand Prix* de Mônaco.

Enquanto essa notícia é narrada, cenas de Senna, Prost e algum homem não identificado são mostradas, onde o brasileiro fica de lado enquanto o “Professor”, como seu rival era conhecido, conversa alegremente com o homem. Senna se retira da conversa claramente chateado com seu troféu em mãos e logo após se mostra feliz e satisfeito pela câmera enquanto comemora. Essa é outra etapa do documentário, onde Senna é mostrado como um campeão competitivo e resiliente. Mesmo sem ainda ter se tornado campeão mundial, é sempre visto como uma figura extremamente esforçada e competitiva. Essa etapa fica nítida quando o documentário mostra outra entrevista de cena com algum jornalista que não é informado acerca do nome e do veículo, onde o entrevistador pergunta sobre o futuro do brasileiro na Toleman e questiona em tom de afirmação: “Você só ficará satisfeito quando conseguir ganhar, não é?” ao passo que o piloto rebate: “Acho que, quando se está competindo, como no automobilismo, ou você se sai bem ou você esquece”. A disputa frequente dos pilotos é evidenciada por Windsor no trecho em que o autor afirma

(O duelo Senna-Prost) foi uma disputa mais cerebral do que física. Os pilotos da McLaren Honra, Ayrton Senna e Alain Prost, lutava pelos pontos no campeonato e frequentemente induziam ao melhor um do outro, mas raras eram as ocasiões em que realmente disputavam na pista, não como Jackie Stewart e Jochen Rindt ou Nigel Mansell e Nelson Piquet, que trocavam esbarrões. (WINDSON, 2003, p. 78).

A partir disso, uma nova fase do modelo de produção é acionada: o diretor utiliza cenas silenciosas de corridas e ajustes mecânicos enquanto uma melodia melancólica e triste toca ao fundo. Logo após, ele traz de volta a narração de algum profissional que nesse momento é de John Bisignano, outro ex-piloto, falando sobre a transição do brasileiro entre Toleman e Lotus. Nesse momento, o documentário mostra imagens detalhadas de manias ou gestos que Senna reproduzia e logo após, mais uma declaração do piloto sobre sua entrada na nova equipe. Novamente, trechos da fala de Senna auxiliam na construção da figura resiliente, dedicada e focada quando ele afirma que quando se deparava com problemas, pensava nas próximas etapas de sua carreira e se concentrava nelas. Para corroborar com isso, cenas do arquivo pessoal da família entram acompanhadas da voz de Neyde Senna, mãe do piloto, descrevendo como eram as atitudes do filho quando criança, revelando que o filho se dedicava durante as aulas da escola para poder ter todo o tempo livre investido no kart.

Novamente, outro narrador entra para continuar a construção da imagem impecável de Senna. O ex-piloto e escritor Richard Williams vai além dos outros, falando sobre a condição financeira de Ayrton que vinha de uma família com grande estabilidade financeira. Contudo, Williams afirma que seria um grande erro pensar que isso colocou o brasileiro dentro das pistas. Além disso, o ex-piloto também afirma que Senna se impôs no cenário automobilístico a partir do seu talento e sua evolução constante e rápida.



Figura 17: Senna conversa com seus pais, Neyde e Milton.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Nos momentos de vitória de Senna, uma nova etapa é adicionada: a reação do público. Inúmeras imagens de pessoas comemorando e festejando a vitória do piloto são mostradas de diversos ângulos e locais diferentes, dando a sensação de coletividade na torcida. Em uma das cenas é mostrado um bar estrangeiro onde todos comemoram a vitória e um homem – sem nacionalidade descrita, mas que ainda sim, deixa claro que não é brasileiro – olha para a câmera com o copo cheio de bebida e grita “Senna!” enquanto faz o movimento de brindar com seu copo. Para acompanhar as cenas, uma melodia extremamente animada e alegre embala os momentos. Especificamente na vitória mundial de 1988, cenas de policiais e guardas contendo a alegria e animosidade do público são mostradas enquanto Senna aparece esporadicamente acenando para o povo e logo após, aparece caminhando em meio à multidão alvoraçada que celebra ao lado dele o novo título brasileiro. A vitória ainda conta com entrevistas de fãs e de grandes nomes brasileiros como por exemplo, Arnaldo Jabor. Logo após, uma entrevista com “Dona Neyde” é mostrada comemorando a vitória do filho e contando anedotas sobre conversas que eles tiveram.

Outro fator interessante é a utilização de vídeos caseiros. Ao final de toda temporada, saindo vitorioso ou não, o diretor insere vídeos disponibilizados pela família de Senna mostrando diversos momentos pessoais do piloto. Ao final da temporada de 1988, as imagens mostram Senna em um iate se divertindo com a família e amigos enquanto a irmã, Viviane Senna, afirma que ele parecia ser outra pessoa naquele momento, dizendo que “De fato, ele tinha encontrado ele mesmo”.

Mombelli e Tomain afirmam que “Nenhum documentário é desprovido de ideologia, ele sempre intervém no que é representado [...] Ele nunca será uma simples representação do mundo, desprovida de intenções” (2014, p. 7), dessa forma, a narrativa de Kapadia é também um sinônimo de interesse e jamais será. Para Nichols, isso ocorre quando o documentário apresenta “qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões” (2005, p. 30). No caso de “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão”, a intenção é relembrar e eternizar grandes momentos da trajetória do automobilista com grande apelo emocional.

4.4 Caracterização e humanização do piloto

Kapadia traz uma caracterização sutil de Senna em diversas cenas. Um tema constantemente trazido pela produção é a relação do piloto com a religião. Senna é sempre mostrado como um homem temente à Deus e que acredita ter alcançado seu sucesso através de bençãos divinas. Em um determinado momento do documentário Senna afirma que sua carreira é um presente enviado por Deus que ele havia esperado durante toda a vida. Outro elemento é sua vida amorosa que é mostrada rapidamente, de forma que fica uma impressão de que o piloto era tão focado em sua carreira no automobilismo que não se deixava distrair por outros fatores. Inclusive, essa fé inabalável de Senna é questionada por Prost após o escândalo do GP do Japão em 1989, onde o francês afirma que “Ayrton tem um problema acha que não pode se matar correndo porque ele acredita em Deus. Isso é muito perigoso para todos os pilotos”. Ao passo que o brasileiro responde que sua fé não o torna imortal ou imune, mas que sempre sente medo de se machucar dentro de um carro de corrida uma vez que ele sabe que o perigo é constante. Inclusive, após a morte do companheiro de esporte Martin Donnelly, Senna concede uma entrevista afirmando que precisava correr cada vez melhor para impedir que isso se repetisse e que torcia para que ninguém mais presenciasse uma tragédia como aquela. Segundo entrevista concedida pelo piloto para o jornal o Estado de S. Paulo, Senna acreditava que

Uma batida como esta desperta coisas dentro da gente que normalmente não existem. É uma batalha interior, uma verdadeira guerra psicológica, uma situação que mexe com a razão da gente mesmo quando se quer controlar a cabeça e os instintos. Acidentes mostram como somos frágeis e um erro, um simples problema mecânico, pode nos deixar mentalmente, fisicamente debilitado ou até mesmo nos tirar a vida. (AYRTON SENNA, in O Estado de S. Paulo, 1994, p. X5)

Além disso, outro elemento muito presente é o carisma e o patriotismo. Senna, ao contrário do ex-piloto também brasileiro, Nelson Piquet, era receptivo com a imprensa e extremamente carismático. Traçou uma carreira de sucesso sem grandes escândalos e se mostrava sempre solícito em suas entrevistas. Em conjunto com isso, o piloto fazia questão de demonstrar para o mundo que era brasileiro, apesar dos anos na Europa. Senna exibia as cores da bandeira brasileira no capacete e possuía sempre uma bandeira em mãos para erguer e comemorar em suas vitórias. Dessa forma, ele elimina uma parte da distância entre sua figura intocável e o público que venerava o atleta.

Bordões como “Acelera, Ayrton!” ou “Ayrton Senna... do Brasil” caíram no gosto do povo, assim como o ritual de celebrar a vitória com uma música (que ficou conhecida como Tema da Vitória) de fundo e com Senna carregando a bandeira do Brasil. Acerca deste último episódio, é curioso notar que este gesto foi criado pelo piloto justamente no GP dos Estados Unidos de 1986, em Detroit. Naquele final de semana, o Brasil amargava outra decepção do futebol, desta vez com a eliminação nas quartas-de-final da Copa do Mundo em derrota nos pênaltis contra a França. Pois Senna corria por uma equipe cheia de integrantes franceses (em boa parte devido aos motores Renault que equipavam sua Lotus) e viu na sua vitória uma forma de vingar os brasileiros pela derrota imposta pelos franceses nos gramados. Um gesto simbólico que mostrou o quão apegado à imagem de patriotismo Senna ficou e que também mostra exatamente o espaço que as vitórias do piloto ocupavam no imaginário do povo brasileiro que, acostumado à alegria de seu futebol nos anos 1950, 1960 e 1970 com o Rei Pelé, via-se órfão nas páginas esportivas. (FRANÇA, 2010, p. 84).

No trecho escrito por França, é possível perceber a conexão forte que o povo tinha com seu ídolo automobilístico. Esse elemento é reforçado em inúmeros momentos do documentário, onde cenas com Senna erguendo sua bandeira enquanto ainda pilota o carro ou carregando ela com orgulho até o pódio é mostrada repetidamente. Além disso, há outras cenas do piloto com seu famoso capacete verde e amarelo onde é mostrado o piloto carregando com todo cuidado seu capacete ou lustrando-o com muita atenção.

Outro elemento trazido por Kapadia é a rivalidade constante entre o brasileiro e o francês e de que forma isso moldou os passos de Ayrton Senna na Fórmula 1. Trechos de jornais internacionais – inclusive franceses – são trazidos pelo diretor. Além disso, quando a rivalidade é consolidada na narrativa documental, a trilha sonora se torna tensa, de maneira que o espectador cria a sensação de “perigo” ou “cuidado” acerca do que se aproxima. Cenas em que Senna e Prost se entreolham com raiva ou desdém são mostradas frequentemente. Como consequência da rixa travada entre os pilotos, há também o desentendimento entre Balestre e Senna que é mostrado em detalhes, principalmente após a intensificação da briga no GP do Japão onde Balestre favoreceu o compatriota, Alain Prost, em detrimento de Senna em 1989, entregando para Prost o título de campeão mundial e punindo duramente o brasileiro. Durante as cenas que mostram a corrida, uma melodia tensa e “desafiadora” é tocada ao fundo, de forma que o telespectador possa sentir ainda que de maneira indireta, as sensações provocadas no piloto. Após a “vitória” de Senna, as cenas exibidas são da Sala Dos Comissários onde estão reunidos além deles, Prost, Senna e Balestre. A partir de agora, a melodia é excluída e as cenas se tornam cada vez mais barulhentas com falas de dentro e de fora da sala até que o silêncio acomete a produção por rápidos segundos que precedem o anúncio de que Prost era o campeão. Aqui começa o próximo elemento constantemente acionado por Kapadia: a dualidade de sentimentos.

Na primeira metade do documentário, Senna é construído de uma forma calma, serena e tranquila. Mesmo em momentos desafiadores e em derrotas, ele sempre comemorava algum progresso em frente às câmeras e se mostrava tranquilo – ainda que insatisfeito. Apesar da competitividade de Senna, ele é tido como uma figura resiliente. Mesmo quando o brasileiro recebe o título de campeão mundial em 1988, sua fala na coletiva de imprensa quando questionado como é ser o novo campeão mundial é extremamente pacífica e serena. Além disso, em todas as entrevistas Senna está sempre centrado no assunto e se mantém focado e tranquilo. Quando a rivalidade entre Brasil e França começa a ficar acirrada, Senna se transforma diante da produção audiovisual. Seu semblante não demonstra mais alegria e felicidade, mas sim, apreensão e esgotamento. Ele está sempre quieto e sozinho em algum lugar, mexendo com as mãos ou com a cabeça de maneira ansiosa, quase sem perceber o mundo a sua volta. Para acompanhar a “nova faceta” documental, uma melodia triste e apreensiva acompanha as cenas. Durante alguns momentos é possível perceber o brasileiro olhando para longe no mais absoluto silêncio

perdido em seus pensamentos. Após o escândalo GP do Japão que consagrou Prost como tricampeão, diversos nomes do automobilismo saíram em defesa do brasileiro como é mostrado em alguns momentos onde a coerência de Balestre é questionada diversas vezes. Senna e a própria McLaren resolveram recorrer em uma tentativa falha de revalidar a classificação do brasileiro. A tentativa, além de não dar certo, conferiu uma punição ainda maior para Senna: a suspensão da superlicença por seis meses, travando uma guerra escancarada entre Brasil e França que compõe grande parte do documentário e da carreira do brasileiro.

O brasileiro ainda acusou a FIA e seu presidente, o também francês Jean Marie Balestre, notório amigo de Prost, de terem manipulado o resultado. Várias apelações, incluindo algumas partindo da própria McLaren, foram para a justiça, mas Senna não conseguiu revalidar sua primeira colocação. Pelo contrário: foi punido por Balestre, que ameaçou cassar a superlicença do piloto caso não viesse a público pedir desculpas pela acusação. (FRANÇA, 2010, p. 63).

Ainda assim, Senna se divide entre sua dualidade e demonstra sua indignada acerca do gerenciamento da FIA conduzida por Balestre de maneira pacífica e educada em diversas coletivas de imprensa. Mas apesar da calma, as imagens mostradas por Kapadia revelam uma tristeza iminente no olhar e na expressão corporal do piloto que afirma ter sido tratado pela Federação como um criminoso.

A partir disso, Kapadia refaz o ciclo do seu molde de produção, inserindo mais imagens do arquivo pessoal da família mostrando Senna como uma pessoa comum. Nas imagens, o piloto brasileiro está na praia, cercado pela família e sentado na areia enquanto conversa com os outros. No fundo, a irmã narra novamente o momento que Senna vivia, afirmando que o golpe proferido por Prost e Balestre fizeram com que Ayrton repensasse seu futuro no automobilismo. Após isso, a voz de Ron Dennis entra em cena enquanto Ayrton é mostrado ao telefone em sua casa e logo após caminhando em seu uniforme de volta para as pistas. Enquanto Senna caminha de volta para o *paddock*, Dennis afirma em sua narração que o brasileiro só retornou para o esporte em função dos grandes valores morais que possuía. É justamente por esses valores que Ayrton Senna volta a assumir uma postura insatisfeita e conflituosa após a conquista do bicampeonato. A linguagem corporal e facial do brasileiro na premiação da FIA que ocorreu logo após é de desconforto nítido.

Apesar da imagem construída até o momento, Senna a partir de agora se mostra um tanto quanto hostil acerca de certas posturas e reafirma sua competitividade de uma maneira não vista antes. Em uma das entrevistas trazidas no documentário, Senna assume uma postura agressiva verbalmente com um dos entrevistadores que era o ex-piloto Jackie Stewart, questionando as perguntas e acusações trazidas por ele. Ainda assim, a postura do bicampeão se projeta de maneira corajosa e ousada, demonstrando que apesar do incômodo provocado, ele não deixaria de ser o piloto que demonstrou ser ao longo da carreira.

A partir da multiplicidade facetária trazida no documentário, Kapadia insere cenas do cotidiano brasileiro em que a pobreza se mostrava a realidade do momento. Com o fim da ditadura no país, o Brasil enfrentava um cenário socioeconômico delicado onde grande parte da população foi prejudicada com uma inflação extremamente elevada. Esse cenário motivou a criação do Instituto Ayrton Senna posteriormente. A irmã de Senna, Viviane, narra as cenas afirmando que a atitude patriota e orgulhosa do irmão ao mostrar que era brasileiro trazia esperança para o povo naquele momento tão difícil. É nesse contexto que o documentário traz outro marco na carreira e no carisma de Senna: o piloto desempenhou um esforço sobre-humano para garantir a vitória no GP do Brasil em Interlagos e realizar o sonho de garantir um troféu em seu próprio país em 21 de março de 1991.

O documentário faz questão de mostrar as arquibancadas cheias e traz ao longo das imagens a narração de Reginaldo Leme atual e a narração antiga feita por Galvão Bueno, os dois maiores comentaristas do automobilismo que o Brasil possuía. Durante a corrida, Senna perdeu a caixa de câmbio do carro que acabou emperrando e ficou apenas com a sexta marcha faltando menos de dez voltas para o final da corrida. Reginaldo Leme, em sua narração trazida por Kapadia, afirma que Senna realizou o impossível durante aquela corrida, afirmando que o piloto havia encontrado “dentro dele uma força especial”. Durante os momentos finais da corrida, o foco vai para o rosto da mãe de Senna, Neyde, extremamente preocupada e apreensiva em um canto do *paddock* enquanto assiste ao filho. As cenas seguintes mostram a equipe, a família e os fãs em festa, comemorando o mais novo feito do ídolo nacional enquanto Senna grita desesperadamente em seu carro, festejando a conquista. Reginaldo Leme descreve essa vitória como o momento mais heroico de Senna. Ao final do GP, o piloto larga o carro no meio da pista e precisa de ajuda para sair do *cockpit*, totalmente esgotado pelo esforço que havia feito na corrida

e o estresse extremo da situação. Enquanto o documentário mostra Senna chorando copiosamente enquanto sua equipe o auxilia na saída do carro, uma melodia triste toca ao fundo, criando uma sensação para o espectador de que ainda que fosse um herói, Senna ainda era humano e passível de cansaço, dor e emoção.

No próximo momento, as imagens mostram Senna pedindo para que ninguém o toque, tamanha era a dor do piloto. Além disso, em um dos momentos que evidencia o encontro do filho com o pai, Senna só descansa a cabeça no ombro de Milton Senna enquanto o pai comemora a conquista. Apesar de toda a dor, Senna ainda sobe ao pódio e demonstra estar desempenhando esforço para levantar a bandeira do Brasil orgulhosamente, enquanto a torcida que está embaixo pula e comemora com suas próprias bandeiras.

Nas partes finais, Senna reitera sua postura como figura imponente e corajosa. Ele se impõe diante de Balestre e de toda a FIA enquanto opina em regras para as novas corridas. Durante a reunião, o presidente e Senna discutem constantemente, mas apesar disso, Senna se mantém centrado e refuta o francês diversas vezes com o próprio regulamento em mãos. O francês então decide que certas decisões serão democráticas e faz uma votação com os pilotos em que a argumentação de Senna vence por unanimidade, deixando Balestre extremamente desgostoso enquanto Senna aparece sentado em um dos últimos assentos comemorando e sorrindo.

A reunião provém de cenas cedidas pela própria equipe da Fórmula 1 para Kapadia. E novamente, a rivalidade entre Prost e Senna volta ao pódio documental até que Prost finalmente decide “tirar um ano sabático” após ficar sem alternativas. As cenas mostram o francês extremamente frustrado com o rumo das coisas acompanhado de um narrador que reitera esse sentimento. Enquanto isso, Senna conquista o tricampeonato mundial e demonstra estar totalmente realizado e satisfeito com o rumo que sua carreira tomou ao longo de oito anos. Enquanto isso, Kapadia traz imagens de entrevistas feitas com fãs mulheres em que uma delas afirma “ele é a única coisa que o Brasil tem de bom, não é?” e outras falam sobre como guardam memórias do piloto, incluindo imagens, notícias, recortes e outros. Nas imagens seguintes, Senna segue sempre feliz e aliviado após a última conquista, fato que é corroborado pelo narrador que afirma: “Após o tricampeonato eu vi outro Senna. Ele estava satisfeito, confiante”.

4.5 O fim da carreira e a consagração

Em 1994, a promissora carreira de Senna chega ao fim em San Marino. A famosa curva Tamburello, conhecida pelos seus perigos e incontáveis acidentes, fez de Senna mais uma vítima no dia 1 de maio de 1994, em Ímola. Novamente, Reginaldo Leme traz sua narração e afirma que ele nunca havia visto o piloto brasileiro com tamanha tensão quanto a registrada em Ímola.



Figura 18: Senna apreensivo no momento da corrida no GP de San Marino em 1994.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

As cenas do documentário mostram um Ayrton que mexe compulsivamente no cabelo, completamente suado, exalando tensão e nervosismo. Leme afirma que “Em nenhum momento eu vi ele sorrindo”. Senna estava totalmente aborrecido com o carro que apresentava cada vez mais defeitos, prejudicando diretamente sua performance e sua chance de ganhar novamente o título mundial.

Na sexta-feira, Barichello sofreu um acidente que o retirou imediatamente da corrida. Senna, próximo do companheiro de esporte sente a pressão cada vez maior a partir da sucessão de tragédias ocorridas naquele final de semana. No dia seguinte, Roland Ratzenberger morreu durante o treino classificatório, deixando Senna extremamente abalado. Afinal, foi a primeira morte presenciada pela geração de pilotos marcada por Senna. O brasileiro foi até o amigo e médico, Sid Watkins, conversar para decidir se iria ou não correr no domingo, dia 1 de maio. As imagens disponibilizadas mostram Senna chorando em sua conversa com Watkins e em outros momentos após a tragédia sofrida por Ratzenberger. Segundo o depoimento do médico, Watkins disse a ele: “Sabe, Ayrton, você é tricampeão mundial. É o homem mais rápido do mundo”. Como ele gostava de pescar, eu sugeri: “Porque você não se aposenta, eu me aposento, e a gente vai pescar?”. Ele respondeu: “Sid, não posso parar””.



Figura 19: Senna conversa com seu médico e amigo, Sid Watkins em Ímola.
Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Ao longo das imagens preparatórias da corrida, uma melodia triste se inicia enquanto Viviane Senna conta sobre sua última conversa com o irmão. Segundo ela, Senna havia acordado e pedido para que Deus falasse com ele de alguma forma. “E abriu a Bíblia, e leu um texto que falava assim, que Deus ia dar para ele o maior presente de todos os presentes. Que era ele mesmo”. Até as imagens iniciais da corrida, as cenas focam o nervosismo e apreensão de Senna enquanto a melodia se intensifica até que os barulhos presentes no *paddock* e na pista invadem o documentário e a corrida trágica começa. Logo na largada, mais um acidente ocorreu em Ímola, sem fatalidades. Logo depois, a câmera do carro de Senna é mostrada por alguns minutos até poucos instantes

antes do acidente quando o plano fica aberto para capturar cada movimento do carro do brasileiro até que ele colide com o muro e Galvão Bueno marca o acidente com uma das frases mais famosas de sua carreira: “Senna bateu forte!”.

O carro destruído fica em cena por algum tempo enquanto a narração e a corrida continuam normalmente até que o socorro chegue ao carro do piloto. Enquanto as medidas são tomadas, uma nova melodia triste volta a tocar enquanto imagens de todos os ângulos possíveis do carro de Senna são mostradas por Kapadia. Logo após, Sid Watkins narra em detalhes o que ele e sua equipe fizeram para tentar salvar o piloto.

Veio o choque, terrível, insuportável, cruel – e o super-homem da velocidade estava vencido, com a cabeça explodida num muro de concreto. Destruído dentro de seu carro, parecia um menino frágil diante da violência da vida. O grande Ayrton Senna estava morto. Ninguém mais iria ultrapassá-lo. Ele saiu da vida em primeiro lugar e agora vive para sempre como um mito. (in “Grid”, p. 31, 1994).

O documentário segue com cenas do socorro e acompanha a partida do helicóptero que levava Senna para o mesmo hospital de Ratzenberger, em Bolonha. A partir disso, o foco vai para o público, companheiros de esporte e outras pessoas que se mostram extremamente abaladas pelo acidente de Senna enquanto narradores discorrem sobre o acidente.

Nos momentos finais do documentário, o foco vai para o traslado e cortejo do herói brasileiro regado a tristeza e comoção em diversos ângulos. Durante as entrevistas realizadas no cortejo, uma delas possui uma comoção especial. Uma senhora que não é identificada, que estava na rua durante o cortejo de Senna, afirma para o repórter: “O brasileiro precisa de comida, educação, saúde e um pouco de alegria. A alegria foi”, com os olhos marejados e a voz trêmula de tristeza. Cenas do cortejo são exibidas até o final do documentário, a multidão nas ruas emocionadas, o povo enrolado em bandeiras verde e amarela enquanto choram copiosamente nas ruas de São Paulo. O caixão de Senna, coberto pela bandeira que ele exibia com tanto orgulho e alegria enquanto militares uniformizados carregam juntos o corpo sem vida do piloto, seguidos de uma multidão. Os pais de Ayrton entram em cena brevemente, com o semblante fechado, enquanto

Viviane Senna caminha até o caixão e acaricia o capacete de Senna, colocado sobre a bandeira.



Figura 20: Viviane, irmã de Ayrton, beija o capacete do piloto durante o velório.

Fonte: Reprodução da tela, “Senna: o brasileiro, o herói, o campeão”, 2010.

Após isso, cenas do piloto sorrindo e sendo abraçado pela mãe entram pouco antes de voltar a focar o semblante dela atrás do caixão do filho. O mesmo ocorre com a irmã, Viviane. Cenas dela chorando no velório são intercaladas com momentos felizes vividos ao lado do irmão. E, novamente, o ciclo se repete com “seu Milton”, pai de Senna, no qual são mostrados momentos em que ele orgulhoso beija e abraça o filho após a primeira vitória no Brasil. A trilha sonora extremamente melancólica e triste toca alto enquanto as cenas passam rapidamente. Xuxa e Adriane Galisteu, ex-namoradas de Senna, também prestam suas condolências. Pouco antes do documentário chegar ao fim, cenas de Prost no velório do falecido rival são mostradas enquanto são intercaladas com momentos dos dois no pódio, apertando a mão um do outro de maneira feliz e sorridente, humanizando não só Ayrton, mas também Alain Prost.

Ao final do documentário, uma coletiva de imprensa é mostrada em que Senna é questionado sobre quem foi o piloto com quem ele mais gostou de correr ao longo da carreira. Senna fica em silêncio e apoia a cabeça em sua mão enquanto pensa antes de responder que para isso, precisava voltar na sua história até sua carreira no kart. “Chamava-se Fullerton. Ele tinha muita experiência. [...] Para mim, ele era um piloto completo. Era direção e corrida pura. Não havia politicagem nem dinheiro envolvido. Era corrida de verdade [...]”. Para finalizar, Kapadia mostra imagens do acervo da família da época em que Senna ainda pilotava kart, acompanhadas de uma trilha sonora melancólica.

Na última cena da produção, a seguinte mensagem aparece na tela enquanto a trilha sonora se intensifica: “Ayrton Senna morreu aos 34 anos. Após sua morte, a FIA indicou o amigo de Senna, o professor Sid Watkins, para melhorar a segurança na Fórmula 1. Desde então, não houve mais mortes na Fórmula 1”. Alguns anos após a morte de Senna, a seguinte crônica foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo:

Você era a nossa esperança. Quando você punha o capacete, púnhamos o capacete com você. Quando você entrava no carro, entrávamos no carro com você. Quando você acelerava, acelerávamos o carro com você. E a nossa pequenez, e a nossa insignificância, e a nossa incontornável incapacidade, e o nosso irremediável destino de obscuros coadjuvantes eram esquecidos enquanto perseguíamos com você, em cada reta, em cada freada, em cada curva traiçoeira, em cada manobra arriscada, a glória da liderança, o posto supremo do pódio, os braços erguidos, a taça ostentada. [...]. Você era nosso orgulho, a nossa alegria, a nossa cachaça, a nossa consolação. [...]. Se um de nós vence como esse, se um de nós é respeitado como este, por que não havemos de lutar, por que não havemos de vencer, por que não havemos de ser respeitados um dia? [...]. Você morreu, Ayrton. Morremos também, um pouco. Como morrem os coadjuvantes. (Raul Drewnick, in O Estado de S. Paulo, 2 de maio de 2004).

4.6 Recepção

O documentário dirigido por Asif Kapadia e roteirizado por Manish Pandey foi uma colaboração internacional entre vários países, sendo estes Brasil, Estados Unidos, França e Reino Unido. Mais de seis diretores tentaram realizar um documentário acerca da trajetória do brasileiro com o intuito de fazer uma obra ficcional que não foi aprovada pela família do piloto. O roteirista afirmou que cortou diversas entrevistas e áudios realizados para a produção, incluindo uma entrevista na qual o rival francês, Prost, falava de uma maneira afetuosa sobre sua relação com Senna ao passo que Pandey preferiu incluir as entrevistas e cenas onde os dois travavam novos embates. Além disso, momentos louváveis do próprio Senna foram cortados da produção final, incluindo a cena histórica em que Senna conquista sua segunda vitória em Interlagos e se joga em direção aos torcedores que comemoram junto com o piloto. Ademais, o GP da Europa de 1993 também foi retirado da edição final, onde Senna marcou o que a FIA considera como a primeira melhor volta da história do automobilismo.

A recepção da promoção rendeu notas louváveis para os produtores e diversos prêmios ao redor do mundo. Segundo o Rotten Tomatoes, o documentário possui 93% de aprovação e a bilheteria brasileira consagrou a produção como um dos documentários mais assistidos do ano em 2010, gerando uma receita de mais de 2,3 milhões de reais. O

documentário recebeu pelo menos 22 prêmios, incluindo Melhor Documentário e Melhor Edição pelo BAFTA e seismenções honrosas em diversas instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada a análise proposta no início deste trabalho acerca da obra “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão”, é possível realizar diversas reflexões referentes ao mecanismo de funcionamento da produção audiovisual de Asif Kapadia e como ela opera de fato para rememorar o piloto como um herói nacional.

O Brasil do piloto enfrentava diversas dificuldades socioeconômicas com o fim da ditadura brasileira e do bipartidarismo político, a transição entre um governo autoritário e um modelo democrático, enquanto a inflação atingia níveis nunca antes presenciados e o PIB decaindo velozmente. Simões afirma que os ídolos modernos se tornam “símbolos dos valores democráticos e capitalistas” (2012, p. 21) e Senna passa por essa transição acompanhado da mídia brasileira.

O piloto incorporou elementos simbólicos à sua própria imagem que reforçaram essa combinação citada por Simões, tais como: o capacete verde amarelo, a bandeira do Brasil que o acompanhava até o pódio em todas as conquistas e a afirmação frequente da sua nacionalidade, feita de forma orgulhosa e categórica constantemente. Enquanto isso, a mídia brasileira alimentava esse processo através de outros elementos essenciais: a cunhagem do termo “Ayrton Senna do Brasil” e a associação entre a imagem de Senna e o “Tema da Vitória”. Além disso, o piloto se mostrava consciente frente à situação que sua nação enfrentava, fato evidenciado em diversos momentos da produção audiovisual.

Através desses movimentos, Senna escala até o nível de ídolo brasileiro, rompendo as barreiras do automobilismo e atingindo fãs que não acompanhavam o esporte de fato. Esse processo ficou registrado na memória coletiva brasileira por intermédio de várias ações, especialmente as que foram realizadas após a morte do piloto. Senna era um assunto recorrente na imprensa brasileira, tanto por seus feitos dentro das pistas quanto por seu carisma. Após o evento fatídico em Ímola, a imprensa se dedicou a desmembrar todos os fatores que culminaram para a morte do piloto. Além disso, sua memória era constantemente lembrada através de ações periódicas de maneira comemorativa, como um, dois, cinco anos após a sua morte e assim por diante.

O piloto brasileiro transita em diversas concepções de celebridade e herói, se enquadrando entre elas de diversas formas. Senna já era um ídolo nacional reconhecido muito antes do acidente que tirou sua vida em 1994. Apesar disso, sua imagem se

consolida ainda mais frente a este fato, enquadrando sua personalidade como um herói trágico, protagonista de uma fatalidade já esperada.

Senna morreu executando sua profissão e servindo seu povo quando observamos o acidente através da perspectiva heroica, aprimorando o processo de consagração pelo qual passou ao longo da sua carreira.

Kapadia reúne elementos que ressaltam esse processo. Além das imagens utilizadas na construção do documentário, há também narrações de grandes nomes do universo automobilístico falando com propriedade das performances do piloto, tais como Reginaldo Leme, comentarista brasileiro especializado em Fórmula 1.

Além disso, o diretor possui algo que valida ainda mais seu trabalho: o aval da família Senna. Após diversas tentativas de criar uma produção audiovisual que vislumbrasse a carreira do piloto brasileiro como um todo, Asif Kapadia foi o único que conseguiu autorização, suporte e respaldo da família para concluir a produção.

A partir desses elementos, o documentário “Senna: O brasileiro, o herói, o campeão” traz um apelo emocional e melancólico, desbloqueando o imaginário coletivo brasileiro, fazendo com que o telespectador relembre os grandes feitos da carreira do piloto brasileiro. Dessa forma, o documentário perpetua o legado do piloto mesmo após tantas décadas da sua morte.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLUETEAU, R. Dicionario da língua portuguesa. Lisboa: Officina Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BRAUDY, L. *The Frenzy of Renown: Fame and Its History*. New York: Vintage Books, 1986.

_____. The Dream Of Acceptability. In: REDMON, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 181-187.

CAMPBELL, J. O herói de Mil Faces. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPBELL, J.; MOYERS, B. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1993.

CHAUÍ, M. Convite à filosofia. 14ª ed. São Paulo: Ática Didáticos, 2019.

FRANÇA, R. Ayrton Senna e a mídia esportiva. São Paulo: Automotor, 2010.

FRANÇA, V.; SIMÕES, P. Celebidades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. E-COMPÓS (BRASÍLIA), v. 23, p. 1-25. 2020.

GAUTHIER, G. *O documentário: um outro cinema*. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

HARTOG, F. *Regimes de historicidade: pressentimentos e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. *Evidências da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HELAL, R. As idealizações do sucesso no imaginário brasileiro. *Logos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 10, p. 38-42, 1999.

HELAL, R.; CATALDO, G. “A morte e o mito: as narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna”. *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Ricardo Freitas e Rafael Nacif (Org.), Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 47-62, 2005.

LOWENTHAL, L. The triumph of mass idols. In: *Literatura and mass culture*. New Jersey: Transaction Publishers, 1984, p. 203-236.

MORIN, E. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Neurose. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

O ESTADO DE S. PAULO. Dez anos sem ele. Especial Ayrton Senna, p. 1-16, 1º de maio de 2004.

PANDINI, L. “Barrichello”, in GP Total, 3 de agosto de 2005.

PEREIRA, C.;HERSCHMANN, M. O espetáculo contemporâneo. In: Micael Herschmann; Carlos Alberto Messeder Perreira. (Org.). *Mídia, memória e celebridades. Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. E-Papers, 2005, v. 1. p. 23-38.

ROCHLITZ, R. *O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

RODRIGUES,, E. *Ayrton: o herói revelado*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2004.

ROJEK, C. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RONDELLI, E.; HERSCHMANN; M. A mídia e a construção do biográfico. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 279-309, maio de 2000.

RUBIO, K. *O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói*. USP – Faculdade de Educação, 2001.

SENNA, A. Depoimento Exclusivo – Coletânea das colunas do piloto na Revista Quatro Rodas. Edição especial, maio de 2004, editora Abril, São Paulo.

SIMÕES, P. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. 2012, 282 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SMART, B. *Modern sport and the cultural economy of sporting celebrity*. New Delhi: SAGE, 2005.

THOMPSON, J. A nova visibilidade. MATRIZES, São Paulo, n. 2, abril 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/viewFile/38190/40930>. Acesso em: 01/07/2021.

TOMAIM, C. 2016. “O documentário como ‘mídia de memória’: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação”. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual* 43 (45): p. 96-114.

TORRES, E. Economia e carisma da indústria cultural da celebridade. In: FRANÇA, V. R. V.; FREIRE FILHO, J.; LANA, L.; SIMÕES, P. *Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 71-94.

WHANNEL, G. 2002. “Reading the sports media audience”. In: *MediaSport*, p. 235-40. Routledge.

WINDOSR, P. Os melhores duelos da Fórmula 1. In: *F-1 Racing Brasil*, São Paulo, 2003, Editora Motorpress.